

DISCURSIVIDADES

Revista do Departamento de Letras e Artes da UEPB

Vol. 1 - N. 1 • Outubro 2017



ISSN 2594-6269

Discursividades

Campina Grande, PB, Brasil • Vol. 1 - N. 1 - Outubro de 2017 • ISSN 2594-6269



Revista eletrônica semestral do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Dedicada-se à publicação de textos – artigos ou resenhas – cuja ênfase recaia sobre as questões do Discurso em diálogo com os estudos da Linguagem. A partir desse escopo, o periódico busca contemplar uma abordagem temática ampla, incluindo Literatura e ensino de línguas.

Universidade Estadual da Paraíba
Reitor Antonio Guedes Rangel Junior
Vice-Reitor Flávio Romero Guimarães

Editor
José Domingos

Editoração: Henrique Magalhães
Revisão: Daniel Guedes Soares - UEPB
Guilherme Moés Ribeiro de Sousa - UEPB

Capa: Reprodução da pintura “Las meninas”, 1656, de Diego Velázquez (1599-1660)

Contato: revistadiscursividades@gmail.com
<http://marcadefantasia.com/discursividades.html>
Submissão de trabalhos pelo sistema OJS:
<http://revista.uepb.edu.br/index.php/REDISC/index>

Endereço: Departamento de Letras e Artes, UEPB
Rua Baraúnas, 351. Bairro Universitário
Campina Grande, Paraíba. Brasil. 58429-500
Tel.: +55 (83) 3315.3300

Revista editada pela editora



MARCA DE FANTASIA
Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB, Brasil. 58045-180
www.marcadefantasia.com

DISCURSIVIDADES. Revista do Depto de Letras e Artes da UEPB. Vol. 1 - N. 1. - Campina Grande, PB: Marca de Fantasia, outubro de 2017.

Periodicidade: Semestral
ISSN: 2594-6269

1. Periódicos. 2. Letras. 3. Linguagem. 4. Linguística. 5. Discurso.

CDD: 401.41

Conselho editorial

Antônio Genário P. dos Santos – UFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro – URCA, Universidade Regional do Cariri
Cleber Alves de Ataíde – UFRPE, Universidade Federal Rural de Pernambuco
Danúbia Barros Cordeiro – IFRN, Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Eliana Ismael Costa – UFPE, Universidade Federal de Pernambuco
Francisco Paulo da Silva – UERN, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
Francisco Vieira da Silva – UFERSA, Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Linduarte Pereira Rodrigues – UEPB, Universidade Estadual da Paraíba
Ludmila Mota de Figueiredo Porto – UEPB, Universidade Estadual da Paraíba
Maíra Fernandes Nunes – UFCG, Universidade Federal de Campina Grande
Maria das Dores Nogueira Mendes – UFC, Universidade Federal do Ceará
Nilton Milanez – UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana
Pedro Henrique Lima Praxedes Filho – UECE, Universidade Estadual do Ceará
Pedro Luís Navarro Barbosa – UEM, Universidade Estadual de Maringá
Regina Baracuhly Leite – UFPB, Universidade Federal da Paraíba
Vanice Maria Oliveira Sargentini – UFSCAR, Universidade Federal de São Carlos

Sumário

Apresentação	6
Memória dos sentimentos e dever de memória: testemunhos indígenas no contexto CNV	8
Francisco Paulo da Silva Ana Maria de Carvalho	
Memória discursiva e interdiscursividade: um diálogo entre gerações na (des)construção da Amélia	23
José Domingos Carla Tamires Pereira Bezerra	
O gênero horóscopo em revistas femininas: os atravessamentos discursivos e a construção da imagem da mulher	43
Danúbia Barros Cordeiro	
A irrupção de discursos antifeministas no <i>Facebook</i> : uma análise da página “Mulheres contra o feminismo”	68
Francisco Vieira da Silva Lívia Alves Monteiro Carlos	
Quem é o sujeito tatuado diante das redes discursivas de inclusão/exclusão expostas na mídia	91
Edileide Godoi	
Despir a verdade para vestir-se bem: marcas de parresia no discurso do Esquadrão da Moda	109
Antonio Genário Pinheiro dos Santos Marcelino Gomes dos Santos	
Ler com Foucault: modalidades do saber em video-aulas de leitura	129
Carla Luzia Carneiro Borges	
Normas de publicação	147



Apresentação

Discursividades, revista sobre os estudos do Discurso e da Linguagem, é uma publicação eletrônica semestral ligada ao Departamento de Letras e Artes da UEPB. A partir desta primeira edição, apresentamos um periódico destinado à divulgação e discussão de trabalhos e pesquisas na área de Letras e dos estudos da linguagem. No interior desse escopo teórico, estaremos voltados, sobretudo, às produções acadêmicas cujos objetos e temáticas investigados estejam perpassados por um viés discursivo em suas fundamentações teórico-metodológicas.

Eventualmente, a Revista produzirá edições com dossiês temáticos acerca de questões específicas concernentes ao universo do Discurso e da Linguagem. Desse modo, almejamos contribuir com a produção do saber científico através do acesso à produção e circulação do conhecimento acadêmico veiculado por este periódico.

Ao elegermos aquilo que é da ordem do discursivo e do linguageiro como fio condutor da revista **Discursividades**, queremos fomentar a propagação do pensamento científico nesse campo de pesquisa. Buscamos assim ampliar as vias de escoamento dos trabalhos dedicados à produção de discursos e práticas de linguagem que historicamente têm contribuído para o modo como nos tem sido dado a ver o sujeito na sociedade contemporânea.

Neste número inaugural, **Discursividades** apresenta um conjunto de artigos que retratam problemáticas diversas, todas investigadas sob o viés discursivo. São reflexões oriundas de pesquisas

conclusas e/ou em curso, nas quais subjaz a inter-relação inevitável entre o enunciado, a História e as redes de poder-saber. Todos estes elementos funcionando em um amálgama discursivo por onde emergem modos de existência do sujeito mulher, da antifeminista, modalidades enunciativas acerca da verdade, da leitura, do corpo. Em uma ideia comum aos estudos deste coletivo de pesquisadores, podemos dizer do lugar determinante do discurso e da linguagem na produção dos sujeitos e objetos de que se ocupam o saber e o conhecimento científico.

Isto posto, felicitamo-nos em trazer à comunidade acadêmica este veículo de difusão do trabalho de pesquisa na área que ora o situamos. Que a cada propositura temática de seus autores – os desta e os das edições vindouras – possamos pensar quem somos nós no interior das práticas discursivas que nos constituem. E, de igual modo, pensar como nosso fazer científico pode possibilitar gestos teóricos que contribuam para um diagnóstico do presente.

José Domingos

Memória dos sentimentos e dever de memória: testemunhos indígenas no contexto CNV

Francisco Paulo da Silva
Ana Maria de Carvalho

Resumo: Este trabalho objetiva discutir o testemunho como acontecimento, observando os mecanismos discursivos que materializam a verdade como exercício ético-político no contexto da Justiça de Transição para instauração da reparação política. A centralidade da discussão foi dada na relação memória e afetos no contexto de institucionalização do dizer que caracteriza os testemunhos de indígenas dados à Comissão Nacional da Verdade (CNV). Do ponto de vista operacional, foi dada atenção especial ao que, nos testemunhos, deixa entrever a relação memória, (res)sentimentos e reconciliação no exercício do dever de memória. Para execução do trabalho foi selecionado como *corpus* testemunhos de indígenas registrados no Relatório Final da CNV.

Palavras-chave: Discurso. Memória dos sentimentos. Testemunho. Indígenas. CNV.

Francisco Paulo da Silva. Docente da Faculdade de Letras e Artes, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Líder do Grupo de Pesquisa GEDUERN – Grupo de Estudos do Discurso da UERN. Dr. em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. cursou Pós-doutoramento no CES – Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra – UC.

Ana Maria de Carvalho. Docente da Faculdade de Letras e Artes, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, membro do Grupo de Pesquisa GEDUERN – Grupo de Estudos do Discurso da UERN. Mestre em em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Memory of feelings and the memory's role: indigenous witnesses in the NCT context

Abstract: This work aims to discuss the testimony as a happening, observing the discursive mechanisms which materializes the truth as an ethical-political practice in the context of Transition's Justice to the establishment of the political reparation. The centrality of the discussion was given in relation memory and affections in the context of institutionalization of the saying that characterizes the indigenous witnesses given to the Brazilian Commission of Truth (CNV). From the operational point of view, it was given an special attention in witness whereof which cues to glimpse the relation memory, resentment/feelings, and reconciliation in the practice of the memory's role. To run this task, it was selected a *corpus* of the indigenous testimonies registered in the final report of the CNV.

Keywords: Discourse. Memory of the feelings. Testimony. Indigenous. BCT.

Introdução

O trabalho da CNV – Brasil investigou as graves violações praticadas pelo Estado brasileiro no período de 1946-1988. Dentre as violações investigadas, esse Relatório traz ao conhecimento da sociedade uma descrição histórica surpreendente das violações cometidas neste período contra povos indígenas. Surpreendente em sua densidade de informações, já que tínhamos pouca sistematização sobre essa questão no cenário nacional e nas instituições, pois não se tinha investigação historicamente comprovada da violação de direitos indígenas por esses regimes, uma vez que os povos indígenas não tiveram uma participação ideologicamente organizada, não constavam na lista de mortos e desaparecidos de Comissões

que investigaram e denunciaram crimes políticos, não se conhecia seu envolvimento nos movimentos contra os regimes autoritários dos períodos analisados pela CNV. Tanto era assim, que a CNV só passou a investigar sobre a questão, inserindo os povos indígenas na pauta de seus trabalhos, quando cobrada por seguimentos indígenas, atualmente organizados politicamente.

As revelações inéditas nos depoimentos prestados por índios à CNV que se constituem em documentos para uma história dos povos indígenas, quando pensada a partir da violação dos seus direitos, nos períodos de governo autoritários investigados pela Comissão da Verdade, registram que assassinatos, remoção forçada ou sob coação de suas terras tradicionais, perseguições, prisões ilegais, estupro, trabalhos forçados ou em condições de semiescravidão caracterizaram a violência do Estado contra os índios, ocorridas no período do Estado Novo e da Ditadura Militar.

Foi determinante para o conhecimento das violações contra os povos indígenas, praticadas pelo Estado brasileiro, a participação do movimento indígena, organizado nos anos 90 e de estudiosos das questões indígenas, com destaque para criação, pelo movimento indígena, da Comissão Indígena da Verdade. A centralidade da discussão neste texto será dada na relação memória e afetos em um contexto muito particular da experiência de sujeitos com o dispositivo político do Estado de exceção: a violação dos direitos de povos indígenas na Ditadura Militar brasileira e os efeitos de memória no contexto do exercício do direito à memória e à verdade. Do ponto de vista operacional, daremos atenção especial ao que, nos testemunhos, deixa entrever a relação memória, (res)sentimentos e reconciliação no exercício do dever de memória, configurado no contexto da CNV.

Afetos e política no cenário da Justiça Transacional

A relação memória e (res)sentimentos foi negligenciada por muito tempo pela historiografia pelo caráter pouco confiável que os sentimentos adquiriram no paradigma das ciências da verificação. Somente quando a subjetividade entra em cena na descrição, os sentimentos adquiriram importância no campo da ciência. O aparecimento da história cultural, no qual os sujeitos aparecem como atores sociais e a descrição passou a considerar a relação sujeito e acontecimento, contribuiu para a guinada subjetiva. No plano das ciências sociais e humanas em geral, as narrativas de experiências com regimes autoritários ou totalitários exigiram novas abordagens e recursos metodológicos para descrever a relação sujeito e realidade social, incluindo aí a relação com a linguagem para narrar as experiências traumáticas inscritas por regimes políticos.

Muitas tentativas de descrição seguiram o plano dos efeitos dessas realidades classificando-as indizíveis, pois a linguagem não conseguia encontrar algo que as representassem, ou incompreensíveis, porque o pensamento não conseguia explicá-las, quando pensadas como crimes contra a humanidade. Por um caminho ou por outro, os sentimentos não se dissociavam das tentativas de racionalização do acontecimento. Assim, a dimensão do que foi Auschwitz parece só nos soltar aos olhos como realidade, por um efeito de memória como a produzida em várias narrativas de sobreviventes, dentre as quais a de Primo Levi em “Se isto é um homem” onde a condição de prisioneiro no campo de concentração nazista revela a desumanização do indivíduo, onde não há possibilidade de devir: “Acabara o

tempo em que os dias se seguiram vivos, preciosos e irreparáveis, e o futuro estava diante de nós cinzento e inarticulado, como uma barreira invencível. Para nós, a história parara” (LEVI, 2015, p.124). A passagem de Levi nos coloca diante de uma relação do sujeito com o acontecimento exatamente no grau em que este afeta aquele. Assim, Auschwitz nos chega por essa inseparabilidade entre afeto e os efeitos da política: o campo de concentração que Levi descreve é lugar de aniquilação do humano, banalização do sofrimento, lugar de produção do ódio. Depois de experiências como esta, a História e outras ciências humanas são convidadas a tratar dos ressentimentos:

A questão dos ressentimentos nos defronta com uma dificuldade permanente nas ciências históricas: a de restituir e explicar o devir dos sentimentos históricos e coletivos. Mas esta dificuldade ganha, no caso dos ressentimentos, um relevo excepcional. Certamente é muito mais difícil traçar a história de ódios do que a história de fatos objetivos. (ANSART, 2004, p. 28)

Ansart (2004) observa quatro atitudes que devem ser tomadas nas democracias pluralistas diante dos ressentimentos e que atravessam a memória individual e as memórias coletivas: a tentação do esquecimento, a tentação da repetição, a tentação da revisão e, enfim, a tentação da reiteração, da exasperação da memória dos ressentimentos.

Nos contextos pós-ditaduras, o processo de construção democrática coloca na ordem do discurso o dever de memória. Defrontamo-nos com o exercício da lembrança que se materializa no testemunho das vítimas e que inscreve no presente a relação do sujeito com o passado. Essa relação exige um exercício da memória com a finalidade de instituir a reparação, a promoção da justiça, não sem o

exercício do esquecimento necessário. Ocorre que nesta experiência o sujeito não se esquece dos fatos dos quais foi vítima, mas se exercita para o esquecimento dos ressentimentos.

Tratando da dimensão da relação memória e afetos, Seixas (2004) destaca a necessidade de incorporar na relação história e memória o papel desempenhado pela afetividade e sensibilidade na história e o da memória involuntária, mas também o tempo-espaço no qual ela se move e o decorrente caráter de atualização inscrito em todo percurso de memória. Recorrendo a Proust, destaca que a memória involuntária é instável e descontínua, não vem para preencher os espaços em branco, pois supõe as lacunas e constrói-se com elas. Não soma nem subtrai, condensa. Assim, memória voluntária e involuntária distinguem-se pelos procedimentos: a primeira preocupa-se em colocar algo onde deveria apenas existir um espaço vazio; a segunda toma esse espaço vazio como denso, pois percorrido por tempos múltiplos, passíveis de ser atualizados pelas artimanhas da memória (involuntária). Disso se conclui que não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade. Marcada por essa carga afetiva, ainda que a integridade do passado esteja perdida, aquilo que retorna vem inteiro, íntegro porque com suas tonalidades emocionais e “charme” afetivo, coisa que a memória involuntária deixa escapar. É com base neste funcionamento que, para a autora, as observações de Proust impõem algumas considerações de ordem historiográficas:

Os “planos” da memória em seu contato com a história têm sido aqueles traçados pela memória voluntária, ou seja, as relações entre memória e história têm se dado excluindo, sistematicamente a faceta involuntária e afetiva inerente à

memória. Parece existir uma eleição, se não uma “afinidade eletiva”, no campo historiográfico, no que concerne ao trânsito memória e história: a historiografia elegeu a memória voluntária, desqualificando a memória involuntária tida como constitutiva de um terreno de irracionalismo(s) e, por essa razão, avessa à história (SEIXAS, 2004, p. 48).

Mas como apreender a memória involuntária ou, reformulada a pergunta, como a memória involuntária se inscreve na superfície dos discursos, marcando a relação sujeito e acontecimento? Uma tentativa de resposta a essa questão exige uma concepção do acontecimento acoplada à sua relação sujeito e experiência do vivido.

Hoje em dia, o acontecimento que está “retornando” é examinado sob uma ótica científica, mas que lhe atribui toda sua eficácia. Transformado em indício ou vestígio significante, o acontecimento é compreendido duplamente, como sugere sua etimologia, como resultado e como começo, como desfecho e como abertura de possíveis. Podemos até dizer que a ideia deleuziana segundo a qual “o possível não preexiste, ele é criado pelo acontecimento” vem se impondo, embora tivéssemos o hábito, até hoje, de privilegiar o antes do acontecimento, a sedimentação causal que parecia suscitar a sua irrupção (DOSSE, 2013, p. 6).

Dosse (2013) segue sua exposição enfatizando o caráter imprevisível do acontecimento, pois mesmo quando se anuncia seu retorno ele brinca com configurações sempre inéditas, porque ao se desestruturar, o acontecimento reestrutura o tempo de acordo com novas modalidades que imprimem a avaliação subjetiva, a apreensão pessoal, individualizada do tempo. É o que ocorre com as narrativas

do testemunho que são materialidades nas quais se inscrevem essa singularidade que quebra o curso regular do tempo.

Eu não sabia que o governo ia fazer estradas aqui. Autoridade não avisou antes de destruir nosso meio ambiente, antes de matar nosso povo. [...] Mataram nossos parentes waimiri-atroari. É trabalho ilegal. O branco usa palavra ilegal. A Funai, que era pra nos proteger, não nos ajudou nem avisou dos perigos. Hoje estamos reclamando. Só agora está acontecendo, em 2013, que vocês vieram aqui pedir pra gente contar a história. Quero dizer: eu não quero mais morrer outra vez. (Davi Kopenawa, Pajé da tribo Ianomâmi. RELATÓRIO DA CNV, 20014, v. 2, p. 228).

O depoimento refere-se às violações sofridas pelos indígenas, durante a abertura da estrada Perimetral Norte, umas das ações do Programa de Integração Nacional projetado pelo regime militar. Invadindo as terras dos Ianomâmis para favorecer empresas de mineração, esse projeto provocou a exterminação dos índios por meio de violências e epidemias que atingiram indígenas dessa tribo. Davi Kopenawa enuncia sua relação com o passado, deixando entrever na atividade de rememoração uma ação política, pois sua lembrança do passado faz esse ressurgir para não mais se repetir. O ato enunciativo visa uma ruptura, marcando a relação do sujeito com o passado no ponto em que esse inscreve as perdas, a dor, os (res)sentimentos. Materializada em testemunho, a lembrança é convocada para libertar o sujeito do sentimento de impunidade dos crimes do passado e praticar a justiça.

Mecanismos discursivos da reparação política no contexto da CNV

No processo de redemocratização do Brasil, a Constituição de 1988 fundou a garantia de direitos fundamentais ao cidadão e inaugurou um contexto político-jurídico para conquistas sociais no campo democrático, o que facilitou a mobilização social na luta por seus direitos. Nesse cenário, intensificou-se a luta de familiares de vítimas da Ditadura e movimentos sociais pela Justiça de Transição, pelo direito à verdade e à memória.

Em 2012, o Governo brasileiro instalou a Comissão Nacional da Verdade – CNV, que concluiu seus trabalhos em dezembro de 2014. A função da CNV era oferecer esclarecimentos aos familiares das vítimas e à sociedade brasileira sobre as violações cometidas por regimes de exceção no Brasil e contribuir com a instauração de uma política de não repetição e aprimoramento dos organismos democráticos no país. Entende-se, assim, que o compromisso com a verdade e a construção da democracia, pressupõe o direito de se reconhecer o passado, até mesmo como condição para que se evite a repetição dos erros cometidos. Esse processo, conhecido como Justiça Transacional, instaura um dever de memória, cujo exercício, como enfatiza Genro e Abrão (2010), é condição imprescindível para que haja verdadeiramente o apaziguamento social, caso contrário, a sociedade repetirá o uso arbitrário da violência, pois ela não será reconhecida como tal. A memória aqui não é importante só para que não se repita jamais, mas também por uma questão de justiça às vítimas. Assim, no retorno ao passado no contexto de Justiça

Transacional, o testemunho das vítimas constitui um enunciado no qual se inscreve a relação sujeito e efeitos de sentidos em torno dos direitos humanos e sua relação com a construção da democracia. Nesse contexto, o dever de memória articula-se com o dever de justiça e a linguagem materializa nas narrativas a memória para que se instaure a reparação política:

Trata-se de invocar a linguagem dos direitos humanos articulando-a com a criação de subjetividades que sejam, simultaneamente, crítica daquilo que é e invenção daquilo que pode ser busca de uma ruptura com a violência do presente e problematização de um devir-outro dos direitos humanos (FELÍCIO, 2009, p. 1).

É preciso considerar as condições de enunciação que é aquela do exercício do direito à verdade. Em tais condições, a narrativa de testemunho institui um acordo ético entre os envolvidos na produção da verdade histórica que se dá na credibilidade da construção simbólica de uma realidade indizível, provocadora de ressentimentos, que se pretende reconciliar no contexto de reparação política, no qual a função da memória é atualizar a lembrança, agindo e, nesse sentido, a memória carrega um atributo ético, incidindo sobre as condutas dos indivíduos e dos grupos sociais (BERGSON, 1999). Aqui, a memória estaria a serviço das demandas e interesses políticos. A testemunha, em tal contexto, não se lembra para si, mas para as gerações futuras. Sendo assim, a memória tem finalidade prática e, nesse contexto, ético-política.

Em condições de produção de um trabalho de reparação política, a memória se manifesta como lembrança necessária e como

esquecimento compactuado. Em se tratando dos ressentimentos, o esquecimento se dá apenas como acordo entre as vítimas e a ordem democrática que se pretende instituir, o que exige também um trabalho de perdão, no sentido do que é necessário esquecer para estabelecer a ordem e a reconciliação nacional.

No contexto do dever de memória que constitui a Justiça de Transição, o sujeito é convocado a lembrar e lembrar aparece como um exercício doloroso, mas necessário para que a memória não se esvaia no esquecimento. O exercício materializa uma arqueologia das práticas de tortura, das vidas roubadas e violentadas, enfim, dos sofrimentos. O que se pretende para que o esquecimento não inaugure uma segunda morte – aquela que não restitui ao sujeito sua dignidade. Nesse sentido em que lembrar é relembra – com toda a densidade emocional do retorno da lembrança, inscrito no ato de lembrar o passado, relembra – é fazer da narrativa da lembrança “uma espécie de vindicação e de homenagem às vítimas silenciadas [...]” (NASCIMENTO, 2008, p. 92). A lembrança é convocada para que se inaugure a “justa memória”.

Bater era normal para eles. Se o índio tentava se justificar por alguma acusação, batiam com cassete grande, depois jogavam na prisão. [...] Algemavam o preso na cadeia e ele não podia falar, argumentar. Ameaçavam com arma. Os mais antigos contam que quando matavam um índio, jogavam no rio Doce e diziam pros parentes que tinha ido viajar. [...] Até a década de 1980 nosso povo sofreu bastante com os militares (RELATÓRIO DA CNV, 20014, p. 239).

O depoimento acima é do índio Oredes Krenak que narra sobre as violações contra indígenas no Reformatório Krenak, objeto de

condenação do Estado brasileiro pelo tribunal Russell II, em 1980, devido a prática de violações aos direitos dos povos indígenas. Esse Tribunal considerou que o Reformatório assumia um caráter de campo de concentração.

Diante dos depoimentos aqui expostos, voltamos à questão que nos moveu até aqui e que diz respeito aos mecanismos de funcionamento da memória no contexto de reparação política. A complexidade da questão exige um maior aprofundamento, mas aqui vamos nos deter na relação memória e esquecimento no quadro do dever de memória, no qual se circunscreve formas institucionais de esquecimento das quais a anistia é um exemplo. Como explicar que sujeitos afetados pelos crimes de Estado, suspendam as recalitrâncias da dor, o sentimento de perdas de seus entes, as torturas das quais foi vítima, enfim, os danos sofridos e negocie o difícil perdão?

Ricoeur (2007) reconhece, no contexto de dever de memória, a relação do esquecimento com o perdão. A noção de “justa memória” desenvolvida por esse autor traz à tona o necessário exercício do perdão como condição para solidificar a reconciliação política. Nesse sentido, o perdão exerceria a função de transformar a memória e a história, enquanto representação do passado, em um projeto de reconciliação consigo mesmo e com os outros e seria a última etapa de uma memória apaziguada e de um esquecimento feliz. Com isso, sugere que o “dever de memória” coloca como imperativo o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si, a fim de tirar lições das experiências passadas e render homenagem àqueles que não estão mais entre nós. Dessa forma, o dever de memória envolve também o sentimento de dever a outros. Dentre esses outros, com quem estamos endividados, cabe-nos pagar a dívida, mas

também submeter a herança a inventário, devolvendo às vítimas a dignidade da justiça, o que nada mais é do que um comprometimento ético-político.

Quando testemunhas como Davi Kopenawa e Oredes Krenak põem-se a descrever a crueldade das violações sofridas pelos povos indígenas no regime militar, somos levados a crer na impossibilidade do esquecimento, dada a crueldade das violações sofridas. O que senão a equação do perdão poderia negociar a reconciliação? Ora, isso exige uma relação de ruptura com o passado para reencontrar o presente e inscrever o futuro. Como assinala Augé (2001) o reencontro com o presente exige que se suspenda os vínculos com o passado e com o futuro e para abraçar o futuro será preciso esquecer o passado num gesto de inauguração, de início, de recomeço, como nos ritos de iniciação. Finalmente, nessa operação “é preciso esquecer para saborear o gosto do presente, do instante e da espera” (AUGÈ, 2001, p.7). Assim, o esquecimento é entendido como necessário à vida e, no contexto de reparação e reconciliação política, o perdão convoca o difícil esquecimento dos traumas, das violações para instaurar a paz cívica.

Considerações para efeito de fim

No contexto da Justiça Transacional, a atualização da memória assume uma função prática: a de promover a reparação e instaurar a paz. Tem, portanto, caráter utilitário. No tocante às violações aos direitos dos povos indígenas, a CNV responsabiliza o Estado brasileiro e recomenda alteração da Lei de Anistia, de modo a contemplar formas de anistia e reparação coletiva dos povos indígenas.

Assim, no contexto de reparação política, a ressurgência do passado, no presente, inscreve o acontecimento que se tece na relação sujeito, afetos e política por meio de mecanismos próprios ao funcionamento da memória no cenário de reconstrução da democracia, após experiências de violações dos direitos humanos: a lembrança, o esquecimento e o perdão, como condição histórica para promover a reconciliação nacional entre sujeitos e Estado.

Os testemunhos foram tratados neste trabalho como enunciado-acontecimentos. Nesta condição, irrompe como memória que se atualiza em uma conjuntura do exercício do dever de memória, por meio da qual emerge a inscrição do passado como verdade e como símbolo de justiça no presente.

Referências

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). 2. ed. *Memória e (res)sentimentos*; indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

AUGÉ, Marc. *As formas do esquecimento*. Trad. Ernesto Sampaio. Almada . Espanha: Íman, 2001.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório*: textos temáticos. v. 2. Brasília: CNV, 2014.

DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento*: um desafio para o historiador: entre esfinge e fênix. Trad. Constância Morel. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

FELICIO, Carmelita Brito de Freitas. Direitos humanos, biopolítica e condições de possibilidade da resistência em ‘tempos sombrios. In: *Anais do 5º Encontro Anual da ANDHEP, 2009, Belém, PA. Direitos humanos – democracia e diversidade, 2009*. Disponível em <<http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/Vencontro/gt1/gt01p06.pdf>>.

Acesso em 10 de março de 2015.

GENRO, Tarso; ABRÃO, Paulo. Memória histórica, justiça de transição e democracia sem fim. In: *Repressão e Memória Política no Contexto Ibero-Brasileiro: estudos sobre Brasil, Guatemala, Moçambique, Peru e Portugal*. -- Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia; Portugal: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2010.

NASCIMENTO, Lyslei. Memórias e testemunhos: a Shoah e o dever da memória. In: *IPOTESI – Revista de Estudos Literários, UFJF*, v. 11, p. 89-103, 2008.

PRIMO LEVI. *Se isto é um homem*. 13. ed. Alfragide, Portugal: 2015.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de História: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). 2. ed. *Memória e (res)sentimentos; indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

Memória discursiva e interdiscursividade: um diálogo entre gerações na (des)construção da Amélia

José Domingos
Carla Tamires Pereira Bezerra

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar discursivamente estereótipos femininos que circulam na mídia. Para tanto, utilizamos como *corpus* as letras das canções “Ai que saudade da Amélia”, de Mario Lago e Ataulpho Alves, produzida no ano de 1942. Em contraponto, destacamos a música “Desconstruindo Amélia”, da cantora Pitty e Martin Mendonça, produzida no ano de 2009. A análise do corpus está centrada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, sobretudo nos conceitos de memória discursiva e interdiscurso. Assim, observamos o processo de desconstrução do estereótipo “ameliano” e o modo como o mesmo se materializa em diversos enunciados.

Palavras-chave: Amélia. Memória discursiva. Interdiscurso.

Discursive memory and interdiscursivity: a dialogue between generations in the deconstruction of Amelia

Abstract: The analysis of the corpus is centered in the theoretical assumptions of Discourse Analysis, especially in the concepts of discursive memory and interdiscourse. Thus, we observe the process of deconstruction

José Domingos. Docente do departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Carla Tamires Pereira Bezerra. Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

of the “ameliano” stereotype and the way in which it materializes in several enunciation.

Keywords: Amelia. Discursive memory. Interdiscourse.

Introdução

Objetivamos analisar alguns lugares discursivos acerca da mulher postos em circulação na mídia. Destacamos como materialidade discursiva do nosso artigo o estereótipo “ameliano” presente nas canções “ai que saudade da Amélia” e “desconstruindo Amélia”. A partir disso, discutimos as relações entre estas duas emergências enunciativas e de que forma ocorre nessa produção musical a desconstrução de um padrão idealizado pela sociedade. Um dos principais elementos que destacamos é a forma como ocorre essa relação mulher e sociedade: a valorização de uma manifestação artística está diretamente ligada aos valores sociais de uma determinada sociedade? Sendo a sociedade dinâmica, passível de transformações sociais e culturais, como é possível reconstruir os valores atribuídos socialmente às mulheres? De que forma a mídia exerce um papel na tentativa de (des)construção de paradigmas e empoderamento feminino?

Diante de todas essas inquietações, que certamente pairam sobre o trabalho aqui proposto, um dos aspectos que nos interessa ressaltar diz respeito ao corpus aqui apresentado, e os possíveis efeitos de sentido que produzem socialmente, estabelecendo outras possíveis posições enunciativas para os sujeitos.

Analisamos os lugares discursivos construídos historicamente para as Amélias, em que as mesmas já não se configuram mais

como apenas um simples nome próprio, mas um signo carregado de valor ideológico, e historicamente marcado desde o surgimento da música “Ai que saudade da Amélia” e atravessado por sujeitos distintos que nos revelam lugares discursivos que se contestam. Em um primeiro momento, temos uma Amélia esboçada sobre o viés masculino em um determinado período histórico, em que já se constituía um momento de rupturas de paradigmas no âmbito feminino. Posteriormente, temos um sujeito que reflete sobre sua própria condição, enquanto mulher.

A nossa análise é feita a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa. Exploramos as noções de interdiscursividade e memória discursiva. Analisamos nos enunciados as vozes presentes no estereótipo “ameliano”, observando de que forma as condições de produção se inscrevem na materialidade enunciativa.

No primeiro tópico debruçamos sobre a formação teórica da Análise do Discurso e suas respectivas épocas históricas. Os conceitos de memória discursiva e interdiscurso são constituintes das bases teóricas do trabalho em relação ao *corpus*. No ponto “A (des) construção da Amélia” é delimitado a constituição do *corpus* no seguimento das desconstruções de estereótipos femininos.

A proposta do trabalho nasceu justamente pelo fato da existência de vários estereótipos femininos que, normalmente, deixam as mulheres à margem da sociedade em detrimento do sexo oposto. Seguindo essa perspectiva, o trabalho aqui proposto poderá contribuir de forma efetiva para o reconhecimento desses modelos naturalizados pela sociedade, e dessa forma gerar uma visão crítica da

comunidade acerca desses lugares discursivos construídos historicamente sobre a mulher.

Contextualizando a teoria

No que concerne à teoria, enveredamos pela Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Essa teoria apresenta três épocas, AD1, AD2 e AD3, que consistem em mudanças teóricas, assim como reelaboração de conceitos.

Fundador da escola Francesa de Análise do Discurso, Pêcheux Pêcheux (1990) argumenta que a ideologia se manifesta na/pela linguagem, e apresenta a teoria em três épocas.

A AD-1 é uma época caracterizada por uma maquinaria discursivo-estrutural, que configura o processo de produção discursiva como autodeterminado e fechado em si. Nesse sentido, os sujeitos acreditam ser produtores de seus discursos, porém não passam de assujeitados. Na segunda época, AD2 surge o conceito de formação discursiva, conceituado por Michel Foucault (1995), esse dispositivo teórico que desencadeia o processo de transformação na concepção do discurso. Nesse contexto de reformulação teórica aparece a noção de interdiscurso, designando o exterior de uma formação discursiva. A noção de sujeito permanece como efeito de assujeitamento à formação discursiva a qual ele se identifica.

Na terceira época, AD3, a ideia de homogeneidade enunciativa é abandonada como resultado da interação cumulativa de momentos de análise linguística e discursiva, e passam a ser abordadas as reflexões sobre o viés da heterogeneidade. Neste momento, há o domínio da interdiscursividade, caracterizada pelas relações que são

estabelecidas entre os diversos discursos. Temos ainda um sujeito manifestado pela relação com o outro, dividido, disperso, ocupando sociodiscursivamente vários lugares. Em cada um desses espaços os sentidos dos seus enunciados mudam.

A Análise do Discurso, pelo seu caráter interdisciplinar, nos permite refletir e analisar sobre outros campos de conhecimento, a partir das teorias sobre a produção dos sentidos sociais. Dessa forma, o analista recorre a outras searas teóricas exteriores à Linguística, e as leva para o interior desta. Isso possibilita explorar as representações femininas na sociedade, a partir de uma construção histórica.

Memória discursiva e interdiscurso

No interior do arcabouço teórico da AD, a noção de memória discursiva não se refere as nossas lembranças, mas, a uma memória social construída no social histórico, ou seja, uma memória coletiva de um determinado grupo social. Conforme Pêcheux (1999, p.52), a memória consiste em:

Aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os “implícitos”(quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Dessa forma, o leitor de um determinado enunciado, para a construção de sentido estabelece relações com o já-dito a partir de uma lembrança coletiva, de forma consciente ou inconsciente, que podem ser refutadas ou reformuladas.

Os enunciados carregam consigo suas condições de produção, portanto, a historicidade se faz presente na materialidade discursiva. Segundo Fischer (2001, p. 204) os atos enunciativos “se inscrevem no interior de algumas formações discursivas e de acordo com um certo regime de verdade, o que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo”. Dessa forma, na música “Desconstruindo Amélia” a compositora retoma um já-dito presente na música “Ai que saudade de amélia” na tentativa de ressignificar essa representação feminina de acordo com o atual contexto vivido, no caso o ano de 2009. Conforme Foucault (*apud* COURTINE 2009, p. 15) há um “domínio de memória, que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciador na formação dos enunciados “preconstruídos”, de que sua enunciação se apropria”, ou seja, o discurso possui outras fontes enunciativas presentes no imaginário coletivo, em que o leitor as reconhece e reconstrói o sentido a partir da memória discursiva.

A presença de outras vozes no discurso, a exemplo do nosso *corpus* sobre o estereótipo “ameliano”, nos leva à noção de interdiscursividade, em que um discurso é constituído por outros discursos, seja pelos já ditos, em um dado lugar e momento histórico, seja por aqueles a serem produzidos. De acordo com Fischer (2001, p. 212) “considerar interdiscursividade significa deixar que aflorem as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso”. Compreendemos que os discursos são atravessados por outros, e que se constituem a partir de uma referência anterior. Essa dispersão dos sujeitos e dos enunciados se faz presente

no *corpus* aqui analisado, em que os discursos se reformulam e se contestam a partir da mesma materialidade discursiva, e o que demarca essas contradições no âmbito dos discursos são as posições ideológicas.

Conforme Foucault (1995, p. 112), “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”. Os enunciados são constituídos por outros, a partir de diferentes momentos históricos e lugares sociais, dentro de uma formação discursiva. Ao analisarmos discursivamente o título da canção “Desconstruindo Amélia” podemos verificar que o mesmo é povoado por outros discursos, como por exemplo, o estereótipo ameliano da canção “Ai que saudade da Amélia”, e também pelo discurso feminista de desconstrução de paradigmas sociais. É por meio desse entrelaçamento de discursos que podemos perceber a noção de interdiscurso

A (des)construção da Amélia

Na sociedade pós-moderna existe uma crise de identidade devido à fragmentação dos indivíduos, que possuem traços identitários de diversas culturas. Todos agem de forma diferente de acordo com o contexto histórico, e com a advento da tecnologia, essa crise se tornou algo mais comum. Segundo Hall (2006, p. 7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Conforme o autor, isso ocorre devido ao descentramento do sujeito. Dessa forma, os efeitos de sentido produzidos pelos suportes dis-

cursivos aqui analisados, produzem efeitos na construção da identidade feminina, e o seu papel na sociedade contemporânea.

Os conceitos, a sociedade, os valores sociais, as formas de ver o mundo e compreendê-lo, as relações sociais, as ciências, assim como os discursos estão em constantes transformações, reformulações. As características e papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens são produzidos e modificados de acordo com o contexto histórico no qual estão inseridos. As desconstruções de paradigmas estão diretamente ligadas à forma de pensar da sociedade, portanto, passível de reconstrução. As mulheres passam por diversos processos identitários, ora se mantém pela história, ora são reformulados pelo presente.

Atualmente, existe uma geração de mulheres fortes e independentes, mas traumatizadas com o sentimento de inferioridade de quando o empoderamento feminino não existia, desprendidas e livres de vários tabus, mas aprisionadas em sentimentos passados. Segundo Simone de Beauvoir (1980, p. 9):

A relação entre os dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade.

Na perspectiva da autora, o homem tem o domínio sobre os discursos de tal forma que o designamos como generalização ao nos referimos aos seres humanos, enquanto a mulher permanece na obscuridade. É a partir dessa relação que tomamos como análise a

canção “Ai que saudade da Amélia” produzida em 1942, que remonta uma mulher discursivizada a partir do viés masculino, e que por muito tempo permanece na memória social.

Os efeitos de sentidos produzidos por uma materialidade discursiva estão relacionados à dimensão linguística, aspectos históricos e sociais, condições de produção e a formação ideológica dos sujeitos, assim como os lugares que ocupam socialmente. Desse modo, a história se inscreve no discurso para produzir sentidos. Em relação à emergência dos enunciados em um acontecimento discursivo, Foucault (2007, p. 39), postula: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”. Seguindo essa perspectiva, os discursos possuem “regras” que os regem, que faz com que o mesmo apareça em um determinado contexto e não em outro.

No contexto histórico de 1942, em que emerge o estereótipo ameliiano na canção “Ai que saudade da Amélia”, era comum as mulheres serem discursivizadas a partir de “qualidades” como não possuir vaidade e viver para agradar ou servir o homem. No atual contexto, esse tipo de discurso não é tolerado com a mesma naturalidade. Segundo Foucault (1996), essa relação acontece a partir de um discurso verdadeiro, em consenso com a vontade histórica da verdade. Portanto, o discurso moralizante masculino, na música em questão, se apoia em outros saberes para constituir sua legitimidade.

Amélia é retratada pelo viés masculino, portanto, a representação feminina é vista sobre o olhar machista daquela sociedade, pois o sujeito discursivo se expressa a partir de um conjunto de outras vozes constituintes de uma realidade social. O título da canção “Ai que saudade de Amélia” já delimita uma saudade daquela mulher que não existe mais, e que só restou a saudade do modelo submisso julgado pelo sujeito

como uma “mulher de verdade”, ou seja, o contexto já se configurava um momento de rupturas nos valores sociais atribuídos as mulheres.

Observemos a primeira estrofe da composição musical:

Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Nem vê que eu sou um pobre rapaz
Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher

Destacamos uma “voz masculina” que descreve uma relação que possui com uma mulher a qual ele julga exigente por ser vaidosa, porque almeja uma vida luxuosa, e que, o faz sentir saudades da Amélia, que na visão do sujeito era uma mulher de verdade, diferente da sua atual companheira. Conforme argumenta Pêcheux (1997, p. 190) sobre as produções de sentido:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em “si mesmo” mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Nessa perspectiva, podemos concluir que as palavras não possuem o sentido de forma isolada, ou na sua forma dicionarizada, mas sim em relação ao discurso e as condições de produção. Ao destacarmos a palavra “aquilo” denominado pela gramática tradicional

como pronome demonstrativo dentro do enunciado “aquilo sim é que era mulher” podemos compreender uma determinada ideia de coisificação da mulher, pois é comum usar esse termo ao referimos a objetos. Assim como, a mulher que o sujeito possui uma relação, por não reproduzir o padrão de Amélia, é considerada fútil. Desse modo, o efeito de sentido provocado pela escolha lexical de determinados sujeitos, revela um lugar sócio-histórico-ideológico.

Vejamos a segunda estrofe da canção:

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: “Meu filho, o que se há de fazer!”
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade

A saudade de Amélia surge da vontade de ter aquela mulher, que vivia para agradar o seu parceiro, pois diferente da sua atual companheira, Amélia se calava diante de tudo, não possuía nenhuma vaidade, e devido a todas essas “qualidades” era considerada uma “mulher de verdade”. Sendo assim, é possível concluir que existe um atributo de verdade, mas o que é ser “mulher de verdade”? As repostas a essa pergunta podem ser várias e todas estarão ligadas a restrições de comportamento. São enunciados como: “mulher de verdade não faz isso” “mulher de verdade não usa essa roupa” “mulher de verdade obedece ao seu marido”, “mulher de verdade sabe se valorizar” entre outras. E qualquer desvio desse padrão, uma roupa, uma escolha “errada”, um relacionamento e a mulher não pertence

mais a esse padrão que é “ser mulher de verdade”. A saudade de Amélia não é de uma mulher específica, mas de um ser idealizado.

Foucault (1995) nos mostra que o discurso só é possível no interior de uma ordem, que o sujeito e uma época só dizem o que é permitido dizer. Segundo o filósofo francês, quem detém o saber é dono do poder, e é através dele que produzimos o poder. Diante disso, surge um outro discurso sobre a Amélia, legitimado pelos saberes de uma época, neste caso, o contexto da contemporaneidade em que é produzida a letra de “Desconstruindo Amélia”.

Seguindo a perspectiva foucaultiana, as materialidades discursivas constituem os sujeitos e os lugares de onde falamos, e a mesma se mantém ou se reformula de acordo com o processo histórico e a vontade de verdade de uma época. Diante disso, o discurso do estereótipo ameliano é reformulado, transformado de acordo com os aspectos sociais e históricos. Aquela Amélia discursivizada no século passado não condiz com dada ordem discursiva do presente, embora aqueles dizeres se mantenham em vários outros suportes discursivos e presentes na memória coletiva. Sendo assim, o “sujeito Amélia” foi se transformando a medida da atualização dos discursos resultando em outra possível leitura, produzindo outros efeitos de sentido. Em síntese, é a reformulação de um enunciado estabilizado anteriormente, e que pode ser transformado futuramente a partir do processo histórico. Tal movimento corrobora para a construção identitária do que compreendemos por mulher em dado momento histórico.

Sobre a materialidade discursiva, Foucault (1995, p.121) pontua que:

aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferência e a modificações

possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou rivalidade. (FOUCAULT, 1995, p. 121).

Dessa forma, se na música “Ai que saudade de amélia” a mulher é caracterizada como quem vive para servir, na canção “desconstruindo amélia” a mulher é retratada por um viés feminino, e esboçada como um ser forte e independente e que já não vive mais à sombra de um homem. O signo “Amélia” é posto em contestação e ganha outro significado a partir de outro acontecimento discursivo. Para Pêcheux, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente)” (1990, p. 53).

Seguindo essa perspectiva, a canção “Desconstruindo Amélia” retoma um já-dito e o nega. A primeira estrofe da canção é apresentada a seguir:

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar
O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

A dispersão dos sujeitos na sociedade pós-moderna, em que é instaurada uma crise de identidade, corrobora para um contexto de desconstrução de paradigmas e surgimento de outros. Tomando como parâmetro o título da canção “desconstruindo amélia” é evidente a ideia da desconstrução do estereótipo ameliano, é um momento de reconstrução dos valores atribuídos as mulheres, um contexto de libertação feminina, e essas condições de produção se inscrevem nesse discurso. A outra Amélia, nesse primeiro momento, é apresentada em consonância com a Amélia da década de 1940. A mulher que serve e cuida dos outros, menos dela, pois ela foi moldada culturalmente para ser prendada, e os seus desejos ou anseios não importa. Desse modo, o discurso sobre o estereótipo ameliano é formado a partir de uma memória discursiva, ou seja, de um já dito, que se contradiz, pois, os discursos são atravessados por outros, Segundo Orlandi (2003, p. 31): “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

No contexto da contemporaneidade em que emerge o discurso sobre a outra Amélia, a partir de um sujeito que fala da sua própria condição, enquanto mulher em consonância com o discurso feminista de empoderamento feminino. Em Scott (1992, p. 67) lemos que “o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência” (1992, p. 67) O lugar discursivo para Amélia nesse contexto ganha outros significados.

A segunda estrofe da canção ilustra um novo discurso:

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

Nessa passagem é notável a presença da desconstrução da Amélia que durante muito tempo aceitou a condição de submissa, inserida em uma posição de inferioridade. Ela agora assume a direção da sua vida e decide não viver mais à margem, à sombra. O enunciado “ faz questão de se cuidar” remonta a Amélia discursivizada no século passado, que não possuía vaidade, pois essa faz questão de se cuidar. A partir de uma análise interdiscursiva, são percebidas as ideias de Beauvoir (1980) em relação a categoria do outro, no enunciado “Já não quer ser o outro/ hoje ela é um também”. No mesmo trabalho a autora nos lembra que, a mulher está na categoria do outro em relação ao sexo oposto, essa oposição é considerada a partir de um grupo que segundo a visão de outro grupo não são iguais, mas se constitui como o outro. Conforme a Beauvoir (BEAUVOIR, 1967, p. 90):

Na medida em que a mulher é considerada o Outro absoluto, isto é – qualquer que seja sua magia – o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito. As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse *para si* em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens.

A canção propõe não só a desconstrução de Amélia, mas das mulheres enquanto o outro em relação ao homem, pois hoje ela é um também. Esse discurso, ao mesmo tempo em que retoma formulações anteriores, produz outros efeitos de sentido, é um entrecruzamento de discursos, que ora se estabiliza, ora se desestabiliza a partir de uma atualização ou de um acontecimento discursivo, e que de certa forma constituem identidades.

A terceira e última estrofe da canção afirma que:

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende porque
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber
Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Diante disso, entramos no mérito de desigualdade salarial, presente na sociedade, pois apesar de todas as conquistas e a ascensão feminina, ainda existe uma desigualdade entre os gêneros no campo profissional, em relação a diferença salarial, a ocorrência de assédio moral e sexual no local de trabalho. O discurso de “incompetência feminina” é algo presente no âmbito profissional, ora acontece de forma sutil, ora em forma de assédio. Segundo Louro (2003, p. 22), “as justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de

representação” (2003, p. 22). Nessa perspectiva, as origens das desigualdades estão no interior das construções sociais.

É importante ressaltar a menção que a canção faz as diversas representações femininas, a mãe que trabalha que também é do lar, e também da night, ou seja, é representação dos mais variados lugares sociais.

A desconstrução de paradigmas sobre o feminino é de larga extensão nas práticas discursivas, desmistificando o discurso de que a mulher só é feliz devido ao matrimônio. De acordo com Del Priore (2000, p. 52), “Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo” (2000, p. 52). Desse modo, a sociedade espera que as mulheres ocupem o papel de mãe e do lar.

A canção “desconstruindo Amélia”, possui em si uma ideia de repensar os estereótipos femininos e promove a liberação da mulher para ser quem quiser. A mulher na sociedade contemporânea vive um momento paradoxal, a partir de uma posição delimitada por uma herança histórica de ser esposa e mãe, e o poder de se fazer sujeito da sua vida, e de escolher seu futuro, a partir de uma equidade entre os sexos.

Considerações finais

Os discursos sobre o feminino aqui analisados se constituem a partir de manifestações artístico-discursivas como as canções. Estes dizeres são entretecidos pelos aspectos históricos, sociais e ideológicos. Durante o desenvolvimento do artigo exploramos os pos-

síveis efeitos de sentido através da perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa. A partir das contribuições teóricas de Foucault exploradas no trabalho, destacamos as relações de poder e saber, e a ordem discursiva histórica que rege o discurso, possibilitando a compreensão da emergência dos enunciados em um acontecimento discursivo. Os conceitos de memória discursiva e interdiscurso remontam os lugares que constituem as enunciações, que tornam possíveis outros efeitos de sentido.

Através do *corpus*, podemos verificar uma visão sobre as mulheres a partir de diferentes perspectivas. Entendemos que, é um período de reflexão sobre os papéis destinados culturalmente as mulheres e das possibilidades de serem livres das imposições sociais, tabus e limitações. A desconstrução de estereótipos femininos é algo que ocorre gradualmente. Compreendemos, a partir das canções analisadas, que é necessária uma intervenção popular para contribuir com a luta para uma sociedade mais justa.

Portanto, é preciso rever conceitos, deslocá-los e, verdadeiramente, repensar a questão da representatividade feminina, pois a saudade da Amélia não só reside, como persiste na sociedade atualmente, atualizada em outros discursos machistas em que prevalecem a submissão e inferiorização feminina.

A sociedade do presente assume uma posição crítica em relação aos valores atribuídos historicamente às mulheres. É um momento de reconhecer o lugar de fala das mulheres e só assim será possível estabelecer a equidade entre os gêneros. Compreender que todos esses discursos, em que emergem os modelos femininos sobre o olhar moralizante ou estereotipado e o discurso da desconstrução de paradigmas, se manifestam através da língua é um grande passo. Igual-

mente importante foram as contribuições do movimento feminista para as mulheres, que apesar das lutas, das transformações e mudanças, o caminho para se repensar os padrões historicamente construídos sobre o feminino ainda está em curso.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. A Arte da Sedução: Sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. V. II. Tradução Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e os esquecimentos na enunciação do discurso político. Tradução de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria C. L. (org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. p.15-22. Porto Alegre: Editora Sagra-Luzzatto, 1999.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, S. *Identidade e pós modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

LOURO, Guacira. Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

PECHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

Semântica e discurso – Uma crítica à Afirmação do Óbvio. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PRIORE, M. D (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

O gênero horóscopo em revistas femininas: os atravessamentos discursivos e a construção da imagem da mulher

Danúbia Barros Cordeiro

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso do gênero horóscopo em diferentes suportes, em especial, em revistas femininas, atentando para a construção da identidade feminina. A investigação é feita a partir do gênero publicado em revistas, principalmente nas voltadas para o público feminino, em almanaques e *Internet*. Tivemos como base a Teoria da Análise do Discurso e os estudos culturais. Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e exploratória, visando proporcionar maior familiaridade com o problema a fim de torná-lo explícito. A partir das análises, conseguimos observar que o discurso do horóscopo, nas revistas contemporâneas, é eminentemente feminino, trazendo marcas discursivas que vão construindo as identidades da mulher.

Palavras-chave: Análise do discurso. Estudos culturais. Gênero horóscopo. Identidade feminina.

The horoscope genre in female magazines: the discursive intersections and the construction of the woman's image

Abstract: This research aims to analyze the discourse of the horoscope genre in different supports, especially in women's magazines, aiming at the construction of the feminine identity. The research is done from the gen-

Danúbia Barros Cordeiro. Professora Doutora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte/IFRN.

re published in magazines, especially those aimed at the female audience, in almanacs and the Internet. We have based on the theory of discourse analysis and cultural studies. As for the methodological aspects, it is a qualitative, bibliographic and exploratory research, aiming to provide greater familiarity with the problem in order to make it explicit. From the analysis, we can observe that the discourse of the horoscope in contemporary magazines is eminently feminine, bringing discursive marks that are building the identities of women.

Keywords: Discourse analysis. Cultural studies. Horoscope genre. Female identity.

1. Introdução

Na tentativa de situar o gênero horóscopo dentro de um contexto sócio-histórico-cultural, enquanto produtor de efeitos de sentido, faz-se necessário lançar um olhar analítico sobre seu discurso a partir de suportes midiáticos, problematizando as ideologias que o atravessam; bem como, levando em consideração as construções simbólicas, as tradições discursivas, ou seja, a memória social que atinge todo o campo social. Isto porque, em uma sociedade que cada vez mais midiática as relações de poder, é importante analisar os discursos e imagens pelo viés histórico e cultural, lugares de construção e transmissão das mais diversas formas simbólicas em meio a um contexto no qual a busca por *status*, beleza e por adequar-se aos padrões construídos e impostos socialmente, atingem o desejo consciente e inconsciente de consumo.

Diante desse panorama, este trabalho tem como objetivo analisar o gênero horóscopo encontrados em revistas femininas, configurando-se, pois, como uma pesquisa de cunho bibliográfico e do-

cumental que visa aproximar-se do objeto de estudo (horóscopos) atentando para a materialidade discursiva, seus atravessamentos e marcas ideológicas.

O referencial teórico que balizará a análise do *corpus* é o proposto pela teoria da Análise do Discurso de linha francesa e sua noção de gêneros discursivos, tendo como base, teóricos como Michel Foucault, Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Zygmunt Bauman, entre outros, atentando para as leituras e os sentidos alcançados sobre o texto em sua opacidade, os quais são ancorados pelas redes de memória. Este trabalho procura também fazer uma ponte com os estudos culturais, principalmente no que diz respeito à questão da identidade.

Pudemos observar que os discursos materializados no gênero horóscopo visam atender às novas identidades femininas, trazendo no dizer e no não dizer novas práticas, estilo de vida e característica da mulher moderna.

2. Discurso, formação e produção discursiva: conceitos caros à AD

Na perspectiva da Análise do Discurso o termo discurso diz respeito ao uso da língua em um contexto específico, atua como espaço de materialização das formações ideológicas e das “verdades” construídas sócio-histórico e culturalmente, sendo por estas determinado. De acordo com Orlandi (1999, p. 15), “[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”.

Os discursos se configuram como construções sociais e não individuais, as quais só podem ser investigadas levando-se em consi-

deração, primeiramente, o contexto social, histórico e cultural, suas condições de produção, bem como seus atravessamentos interdiscursivos, já que para a AD todo processo discursivo precede de um já dito, que se configuram como os discursos fundadores.

Pêcheux num segundo momento da Análise do Discurso francesa, reconfigura sua noção de Formação Discursiva (FD) ao reconhecê-la não como um espaço estrutural fechado, já que relaciona-se com seu “exterior”, sendo constantemente “invadida por elementos que vêm de outro lugar (de outras FDs) que se repetem nela, sob a forma de pré-construído e de discursos transversos” (Pêcheux, 1990b, p. 314). É nesse momento que surge o conceito de interdiscursividade para dar conta dos atravessamentos que se irrompem no interior dos discursos e das FD’s.

Sendo, pois, o discurso a materialização das ideologias, das “verdades”, das tradições e da língua, conseqüentemente, “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2005, p. 17).

Como se vê o contexto de produção contribui para o processo de formação discursiva, bem como de novos sentidos, pois apesar de os discursos serem permeados pelos *já-ditos*, os mesmos estão sempre se atualizando às novas situações, às novas identidades.

Acerca da produção de sentidos é possível observar que à medida que os discursos são retomados, quer seja em fragmentos ou em sua integralidade, há uma transposição discursiva para outras condições de produção, o que resulta em novo aspecto semântico. Além disso, vale ressaltar que o sentido do discurso, nem sempre está no que é dito, mas também, no não dizer, nas entrelinhas, nos

pressupostos e subentendidos, por isso, faz-se necessário buscar implícitos discursivos, os discursos que estão na base do dizer e, assim, analisar as tradições que lhes dão base.

Por sua vez, Foucault, em sua análise, não parte do sujeito ou do objeto, pois, para ele, esses elementos não preexistem ao discurso, vindo a ter existência apenas quanto forem constituídos através de uma prática social. Os diversos saberes surgiram, pois, de práticas da sociedade. O que se observa, com isso, é que o próprio sujeito só funciona discursivamente ao ocupar um lugar determinado socialmente, ou seja, uma posição discursiva. Por isso, para Foucault, somos “seres de linguagem e não seres que possuem linguagem” (FOUCAULT, 1987, p. 20-21).

Foucault (2005, p. 135) traz um conceito muito interessante sobre discurso: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”. E a partir da ideia dos discursos como *sistemas de dispersão*, Michel Foucault origina o conceito de formação discursiva “[...] sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, [...] e se puder definir uma regularidade [...] entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva” (FOUCAULT, 1987, p. 43).

Assim, para o autor, as regras que determinam uma formação discursiva apresentam-se como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias, elementos esses que caracterizam a formação discursiva em sua singularidade e permitem a transposição da dispersão para a regularidade. Dessa forma, é preciso compreender as formações discursivas sempre inseridas em um espaço ou campo discursivo, visto que elas sempre estão ligadas

a certos campos de saber, que abarcam um conjunto de enunciados, os quais são pulverizados no campo social.

É importante perceber que os discursos que permeiam nosso cotidiano já chegam até nós carregados de sentidos, os quais reproduzimos de forma inconsciente, são as tradições discursivas e os discursos fundadores que nos atravessam e que significam em nós e para nós. Por outro lado, enquanto sujeitos sociais, também somos responsáveis pela construção de novos sentidos, o que resulta em mudanças linguístico-discursivas, de acordo com o contexto no qual produzimos os discursos, dos papéis sociais que assumidos, em meio às práticas sociais contemporâneas.

Diante do exposto, pode-se perceber que os conceitos de discurso, formação discursiva e produção do discurso propostos pela AD são de fundamental importância para a construção da identidade do indivíduo, que se forma a partir do que pode e deve ser dito, do contexto histórico e da memória social. Portanto, o discurso contribui para a formação das ‘identidades sociais’ e dos ‘tipos de eu’, para a construção das relações pessoais e para constituição de formas de conhecimento e crenças. Assim sendo, a prática discursiva não só reproduz as práticas sociais, como também as transforma, criando, assim novas identidades.

3. O que dizem os estudos culturais sobre a identidade?

A noção de identidade, segundo Silva (2000), é aparentemente fácil de definir, sendo “simplesmente aquilo que se é”. Contudo, o autor alega que a identidade não é independente da diferença, daquilo que o outro é.

Silva (2000, p. 78) explica, ainda, que a identidade e a diferença, além de não se separarem, “[...] não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentidos. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem”. Por esta razão, identidade e diferença trazem características de indeterminação e instabilidade com relação à linguagem da qual dependem, pois ambas estão diretamente relacionadas com o social, o que implica uma definição ancorada em relações de poder.

Segundo Hall (2001, p. 14-15), as sociedades tradicionais são fortemente ligadas ao passado, que é tido como sendo melhor que o presente. Devido à evidência do passado, tais sociedades valorizam os símbolos, em virtude de eles perpetuarem a experiência das gerações antecessoras. Dessa forma, no que diz respeito à questão da identidade, Woodward (2003, p. 9-10) afirma que esta é marcada por símbolos, portanto, “[...] a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”. Assim, as práticas discursivas sociais e os efeitos simbólicos por estas gerados produzem sentidos e constroem identidades.

As sociedades equacionam suas experiências e valores sempre pelo viés da tradição, através de práticas sociais recorrentes que legitimam o passado. As sociedades modernas, em contrapartida, não se definem apenas por uma maior aceitação à rapidez e à continuidade das mudanças, mas por assimilarem uma forma altamente reflexiva de vida, na qual a prática social não se furta ao exame contínuo de suas próprias bases fundamentais e, portanto, à possibilidade de reformulação de seu caráter (HALL, 2000, p. 108-109).

Hall assevera, ainda, que é utópica a ideia de identidade unificada e coerente; o que ocorre na realidade é uma multiplicidade cambian-

te de identidades possíveis, à proporção que os sistemas de significação e de representação cultural se multiplicam (HALL, 2001). Desse modo, pode-se inferir que a identidade cultural está ligada a aspectos que nascem do pertencimento do sujeito a grupos. Assim, a identidade cultural é construída sócio-historicamente por meio de grupos que partilham símbolos, modos de vida, ideias e valores.

Esta afirmação ratifica o dizer de Bauman (2005) quando fala acerca da “liquidez” da modernidade. Para o autor, a diversidade cultural permite que os sujeitos se esbarrem em múltiplas identidades (desejadas, impostam ou negociadas), construídas no percurso da vida e materializadas nas práticas sociais (local dos discursos).

4. A imagem da mulher no horóscopo de revistas femininas

O gênero escolhido para investigação das possíveis identidades femininas é o horóscopo encontrado em revistas femininas como *Capricho* e *Nova*, em virtude de este gênero apresentar nas entrelinhas de seu discurso, tido como preditivo, marcas identitárias características da “mulher moderna”.

Trata-se das novas identidades que revelam novas práticas sociais vivenciadas por muitas mulheres na atualidade. Estas construções identitárias são, ora objeto de desejo ora objeto de repúdio, dependendo da identificação que as leitoras têm com tais construções.

A revista *Capricho* é voltada para mulheres (meninas) com uma faixa etária entre 12 e 17 anos. Por isso, já na capa, traz personalidades e ideias que apresentam uma identificação com esse público, como se vê na edição de 17 de janeiro de 2010: “*T-shirt fashion*: você pode ficar superestilosa de camiseta! A gente dá as dicas”; “*Justin*



Figura 1 – Capa da Revista Capricho, nº 1088. Ed. Abril, 17 jan. 2010. Fonte: Acervo pessoal.

Horóscopo

Por Estelita Falcão

Aquário

Vale para quem nasceu no 1º decanato, entre os dias 21 e 31 de janeiro

Personalidade
Você não vive sua paixão em branco, querendo dinheiro, mas acha que não atende de quem está por perto. Só borne colado com a máquina. Sem querer, você pode trazer grandes quebras.

Como você ama
Você adora quem é bom de argüir e falar de seu trabalho, mas não gosta de estar sozinho. Você gosta de quem sabe falar e quem sabe ouvir. Você gosta de quem sabe falar e quem sabe ouvir.

A turma
Amoroso é tudo de bom, ainda mais para você, só a turma convencer e esperar mais. Talvez se você não estiver se esforçando não seja esse seu tipo.

Profissão
Você não vive sua paixão em branco, querendo dinheiro, mas acha que não atende de quem está por perto. Só borne colado com a máquina. Sem querer, você pode trazer grandes quebras.

Seu estilo
Você não vive sua paixão em branco, querendo dinheiro, mas acha que não atende de quem está por perto. Só borne colado com a máquina. Sem querer, você pode trazer grandes quebras.

Seu amigo de Aquário
Você não vive sua paixão em branco, querendo dinheiro, mas acha que não atende de quem está por perto. Só borne colado com a máquina. Sem querer, você pode trazer grandes quebras.

O nomeado de Aquário
Você não vive sua paixão em branco, querendo dinheiro, mas acha que não atende de quem está por perto. Só borne colado com a máquina. Sem querer, você pode trazer grandes quebras.

O ascendente em Aquário
Você não vive sua paixão em branco, querendo dinheiro, mas acha que não atende de quem está por perto. Só borne colado com a máquina. Sem querer, você pode trazer grandes quebras.

Artes
21 a 25 de janeiro
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Leão
26 de janeiro a 31 de janeiro
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Sagitário
1 de fevereiro a 15 de fevereiro
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Touro
21 a 25 de janeiro
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Gêmeos
26 de janeiro a 31 de janeiro
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Câncer
1 de fevereiro a 15 de fevereiro
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Virgem
16 de fevereiro a 31 de fevereiro
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Libra
1 de março a 15 de março
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Escorpião
16 de março a 31 de março
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Capricórnio
1 de abril a 15 de abril
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Aquário
16 de abril a 31 de abril
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Peixes
1 de maio a 15 de maio
Aqui é hora para você mostrar a sua criatividade e fazer coisas novas. Você pode fazer um curso de arte ou de dança, ou ainda fazer um curso de culinária.

Figura 2 – Horóscopo da Revista Capricho, nº 1088. Ed. Abril, 17 jan. 2010. Fonte: Acervo pessoal.

*Bieber*¹: o garoto mais fofo do momento conversou com a gente sobre garotas, fama e... seu cachorrinho”; “Vida real: garotas contam como superaram o fim de um amor de férias”. Portanto, traz em sua materialidade imagético-discursiva referências simbólicas que caracterizam a cultura, a realidade e as identidades próprias desse grupo tido como adolescente.

Já no horóscopo propriamente dito, num plano imagético, observamos a figura de uma jovem com um estilo próprio da idade; bem como, ao sugerir a “Moda Astral: A tiara que combina com seu signo”, traz em cada signo a imagem desse adereço feminino característico da vestimenta das leitoras. Além disso, o gênero apresenta uma mescla de várias cores, como também a própria grafia da palavra “Horóscopo” marcada com traços mais exagerados num *degradê* de cores, o que remete a traços característicos do público jovem.

As marcas das identidades próprias dessa faixa etária podem ser vistas também no plano discursivo, entremeado entre o dito e o não dito, a começar pelo signo do mês:

Aquário – “**Personalidade:** Você não veio para passar em branco [...]. Só tome cuidado com sua teimosia; **Como você ama:** Você adora estar a fim de alguém e, apesar de ser sonhadora passa longe do estilo princesa à espera de um príncipe encantado. Você mesma vai à luta quando quer algo. **A turma:** Amizade é tudo de bom, ainda mais para você que adora conversar e expor suas ideias. **Seu estilo:** [...] moderno e criativo. **Sua amiga de Aquário:** [...] leal, sincera e criativa. **O namorado de Aquário:** [...] é preciso ter fôlego [...]” (Grifos nossos).

1. Justin Bieber é cantor e compositor de música *pop* canadense e ídolo de muitas adolescentes.

Essas marcas, que optamos por dividir em temáticas, continuam nos demais signos:

Características pessoais: “Leão – Você está atraente e cheia de vontade de fazer acontecer”; “Libra – Jogue a timidez para o espaço e aproveite tudo intensamente.”; “Escorpião – Comunicativa, você está boa de papo, escorpiana.” (Grifos nossos).

A adolescência é a fase marcada pela transição, representada pelo distanciamento dos comportamentos típicos da infância e da aquisição de competências para atuar como adulto. Essas transformações resultam em diversas alterações físicas, mentais e sociais, que muitas vezes geram inseguranças e alterações comportamentais bruscas, desde a “vontade de fazer acontecer,” de viver as experiências “intensamente” a momentos de introspecção, de “timidez”, de não aceitação.

Há, nas entrelinhas do gênero analisado, os não-ditos, que mascaram outros comportamentos que muitos jovens apresentam nessa fase, como a resistência, a rebeldia, a agressividade, a carência, a falta de compromisso etc., os quais são silenciados uma vez que o horóscopo se encontra em um suporte publicitário, que tem como objetivo atender a um público alvo, trazendo “verdades” que sejam aceitas por este como forma de identificação.

Relacionamentos: “Áries – Os xavecos estão em alta! Se tiver algum ficante na área, é possível que rolem bons momentos.”; “Aquário – Os astros trazem muito charme e beleza para que você chame a atenção de todos. Inclusive do cara do qual está a fim. Um namoro mais sério pode ser o acontecimento

da quinzena. Vai rolar, aquariana!"; "Peixes – Nesse período, as pessoas entenderam melhor suas intenções, isso vale para quase tudo, menos o amor. Como está mais romântica e idealista, pode encanar com um cara que não vale tanto a pena. Todo cuidado é pouco para não se magoar.". (Grifos nossos).

No que diz respeito aos relacionamentos, é interessante observar num primeiro momento, as gírias usadas pelos jovens para tratar do assunto: “xavecos, ficante, rolar, cara, estar a fim”, que sugerem certo descompromisso, isso porque os relacionamentos entre os jovens tendem a ser mais fluidos, mais instáveis, seja pela inexperiência, pela necessidade de descoberta, de testar, ou pela interdição dos pais. Por isso, quando acontece “um namoro mais sério” é visto como “o acontecimento”, que rompe com as práticas infantis e a inicia as vivências do universo adulto.

Além disso, há nas entrelinhas, o silenciamento da abordagem sexual, atuando como não-dizer, uma vez que se trata de um assunto visto ainda como tabu na sociedade, em especial, no que diz respeito à faixa etária das leitoras da Capricho; é, pois, um discurso interdito pela família, pela sociedade, pela Igreja.

Amizades: “Áries – A fase é boa para conhecer pessoa e fazer amizades; Se as amigas estiverem por perto marque um programa ao vivo.”; “Leão – Para aproveitar tudo intensamente, saia com os amigos e se jogue nas baladas.”; “Sagitário – [...] fazer com que as amigas a entendam melhor!”; “Câncer – Se você estava se sentindo um pouco sozinha, chegou a hora de aumentar as amizades”; “Libra – [...] chamar as amigas para fazer algo divertido.”; “Aquário – Se perceber alguém chateado, ofereça amizade e tente ajudar.”. (Grifos nossos).

Como a adolescência representa um momento de transição, é comum aos jovens se aproximarem mais de quem têm empatia, como um processo de identificação que passa tanto pela inclusão como pela exclusão, através da divisão em grupos. Os adolescentes tendem, pois, a dividirem suas novas experiências, suas inquietações, seus medos com seus amigos, que lhes auxiliam na construção das novas identidades. Assim, há uma supervalorização da amizade, o que pode causar problemas com a família, além do distanciamento, como se vê no tópico abaixo.

Família: “Câncer – O clima entre você, seus pais e irmãos deve estar muito agradável, então, aproveite para conversar com a família e resolver briguinhas do passado.”

Atividades do universo virtual: “Áries – Aproveite as férias para colocar as conversas em dia e passar horas no MSN. Só tente conciliar o mundo virtual com o real [...]”; “Sagitário – [...] que tal criar um blog? Conte sobre seu dia [...]” (Grifos nossos).

O mundo virtual é um ambiente de refúgio principalmente para esta faixa etária, onde os jovens mantêm suas relações interpessoais. E, o que mais os atrai é a oportunidade de se exporem, de mostrarem suas ideias, “verdades”, inquietações; como também, por eles terem o poder de mostrar apenas o lado que querem, silenciando o outro. Nesse universo de controle e entrega os jovens acabam por “passar horas no *MSN*”, entre outros sites de relacionamento como o *Facebook*, o *Twitter*, etc., o que acaba comprometendo suas relações presenciais, principalmente com a família,

já que o mesmo não sabe o limite entre “conciliar o mundo virtual com o real”.

Práticas de consumo e Finanças: “Câncer – Você está mais gastadeira e impulsiva. Pense um pouquinho antes de comprar qualquer coisa.”; “Sagitário – está na hora de ganhar seu próprio dinheiro. Trabalhos temporários são uma boa pedida!”. (Grifos nossos).

A necessidade de aceitação aumenta as práticas de consumo dos adolescentes, que têm como principais características a impulsividade, a necessidade de viver intensamente todos os momentos. Além disso, a mídia, a indústria e o comércio acabam explorando o fato de os jovens estarem em constante processo de aceitação e inclusão na sociedade, precisando, para tanto, se adequarem aos padrões de estilo identitário dos grupos que escolheram para seguir, ou que lhes foram impostos (roupas, bolsas, sapatos, maquiagem, bijuterias, etc.). O resultado disso é, muitas vezes, o endividamento dos pais quando os jovens não têm oportunidade de ganhar seu próprio dinheiro.

Lazer: “Touro – A hora é perfeita para viagens, taurina. Se tiver qualquer chance dê uma escapadinha e aproveitar alguns momentos em lugares novos, será especial. Outra forma de conhecer mundos diferentes é através de livros. Escolha uma história legal e viaje.”; “Gêmeos – Escute sons calminhos e relaxe curtindo letras fofas!”; “Libra – A sugestão é ir para a balada [...]”. (Grifos nossos).

O lazer é um momento que envolve experiências lúdicas e culturais em um dado tempo/espaço, a fim de satisfazer as mais diferentes necessidades para cada faixa etária. Dessa forma, o lazer é uma das formas do adolescente inserir-se socialmente, com atividades desde viagens, passeios, leitura, música, a depender das oportunidades e condições de cada um. Assim, há busca por lazeres que oscilam desde os mais infantis como brincadeiras e jogos, como também como é sugerido pelo horóscopo “Escute sons calminhos e relaxe curtindo letras fofas!”, que em sua materialidade discursiva infantiliza as leitoras; até a busca por divertimento para maiores de idade, como forma de acelerar o processo de inserção nas experiências do adulto, como sugere o horóscopo: “A sugestão é ir para a balada [...]”.

Beleza: “Virgem – A *vibe* da quinzena é usar produtos de beleza para ficar mais bonita. Cuidar da maquiagem também é importante. Que tal ser um pouquinho mais ousada e arriscar numa *make* diferente? Aproveite a Lua para fazer mudanças no cabelo. **Dica:** para ficar em paz com o espelho, use roupas que valorize o seu corpo.” (Grifos nossos).

A ditadura da beleza atinge os adolescentes, em especial, às jovens, que devido às mudanças físicas e psicológicas por que passam, quase sempre se mostram insatisfeitas com sua imagem, a qual, nessa fase, é bem mais valorizada que o conteúdo, a pessoa em si. Esse é outro fato explorado pela mídia e indústria, que acabam escravizando as jovens aos padrões impostos pela cultura da moda e da beleza e, conseqüentemente, aumentando seus rendimentos.

A adequação aos padrões impostos pode se configurar desde o uso de “produtos de beleza para ficar mais bonita”, “maquiagem”, como

“ser um pouquinho mais ousada e arriscar numa *make* diferente”, em “mudanças no cabelo”, “roupas”, até intervenções cirúrgicas. Tudo para “ficar em paz com o espelho” e para “valorizar o corpo”.

A seguir observaremos as construções identitárias apresentadas pela revista Nova.



Figura 3 – Capa da Revista Nova, nº 9, ano 38, edição 444. Ed. Abril. 9 set. 2010. Fonte: Acervo pessoal.

A revista Nova é voltada para uma faixa etária entre 18 a 30 anos, para uma mulher tida como “sexualmente ativa”, por isso, a exploração do discurso da sexualidade, do empoderamento da mulher, desde a capa à última página: “Cléo Pires superpoderosa”; “Você incrível”; “Bônus especial homem: diário de um traidor; os melhores solteiros do Brasil (um deles pode ser seu); o que eles querem mesmo na cama”; “Moda: looks mais sexy para cada signo.”;

Características pessoais: “Libra – Capacidade de ponderar, avaliar e planejar antes de tomar uma decisão.”; “Áries – Agitada.”; “Touro – Inspirada.”; “Gêmeos – Instável. Com tolerância, zero você pode se sentir inquieta e um tanto neruosa.”; “Câncer – Quente. Você, que é normalmente conservadora e ligada ao passado, recebe ares renovadores do Cosmo.”; “Leão – Controladora. A origem de seus problemas afetivos pode estar num comportamento autoritário e ciumento.”; “Virgem – Alto-astral. O otimismo e a alegria darão o clima deste mês.”; “Escorpião – Impulsiva. O ingresso de Marte em seu signo lhe dá energia, determinação e coragem. Porém, ao mesmo tempo gera intolerância.”; “Sagitário – Popular.”; “Capricórnio – Compenetrada.”; “Aquário – Estudiosa.”; “Peixes – Atenta” (Grifos nossos)

A revista Nova se propõe a levar suas leitoras um processo de autoconhecimento, apostando em temas como o desenvolvimento pessoal e profissional, a ousadia sexual, a beleza e a coragem para enfrentar os desafios do cotidiano. Trabalha com a construção da autoestima e da autoconfiança da mulher moderna que assume diferentes papéis sociais.

Relacionamentos: “Libra – [...] o gato pode fugir a léguas de distância se você mantiver uma postura exigente e possessiva. [...] Sua simpatia e diplomacia reúnem admiradores à sua volta”; “Áries – A boa notícia: você será recompensada no amor. A passagem de Saturno por Libra traz o desejo de estabelecer um relacionamento duradouro.”; “Touro – Período favorável para todas: quem paquera ou já está comprometida.”; “Gêmeos – Solteira? Você pode se apaixonar até o dia 9.”; “Câncer – Tudo vai contribuir para por fogo no relacionamento.”; “Câncer – As solteiras podem se sur-

preender com declarações inesperadas.”; “Leão – Uma boa medida é soltar as rédeas, permitindo que seu parceiro curta também a família, os amigos e alguma privacidade.”; “Virgem – Seu bom astral e ajuda de Vênus abrem caminho para um novo amor ou trazem uma boa fase às comprometidas.”; “Escorpião – A partir do dia 9, Vênus promove a união do útil ao agradável, quer dizer, da atração física ao romance.”; “Aquário – As casadas precisam frear o desejo de controlar o parceiro.”; “Peixes – Aproveite o embalo e a criatividade para brincar de atuar com o gato: leve-o para um bar, finjam que são estranhos e deixe que ele a seduza.” (Grifos nossos).

As leitoras de Nova correspondem a jovens adultas, em sua maioria solteiras e em busca de “estabelecer um relacionamento duradouro”, no qual elas podem mostrar-se como mulheres de atitude, independentes, cheias de energia, ousadas, que sabem o que querem; mas que, ao mesmo tempo, estão sempre a procura de um equilíbrio emocional e de superar seus próprios limites, inseguranças e medos na vida pessoal, afetiva e profissional: “postura exigente e possessiva”, “precisam frear o desejo de controlar o parceiro”. Por isso, buscam orientações sobre sexo, amor beleza e carreira: “As solteiras podem se surpreender com declarações inesperadas”, “Período favorável para todas: quem paquera ou já está comprometida”.

No plano do não-dito, há o mascaramento de uma mulher que, apesar de independente, de parecer ter autonomia sobre sua sexualidade, de ter o poder de escolha acerca de seus “parceiros”; trata-se de uma mulher em busca um relacionamento estável, de construir uma família e que, para isso, precisa entender tudo sobre sexo para satisfazer esse homem e “prendê-lo”. Isso nos remete a uma imagem de Amélia “moderna”, que agora além de atender ao compa-

nheiro e aos filhos, trava uma luta com sua jornada de trabalho, contra a idade e procurando manter-se dentro dos padrões de beleza impostos socialmente.

Sexo: “Libra – Assumir esse lado conquistador é o segredo para esquentar o amor.”; “Áries – Aproveite o bom momento a dois para liberar suas fantasias.”; “Touro – O resto [da energia] queime colocando o Kama Sutra em sua prática.”; “Gêmeos – Já que a língua está afiada, aproveite para dizer frases picantes ao ouvido do gato.”; “Câncer – Vênus e Marte em Escorpião trazem sedução, romance e sexo...”; “Aquário – [...] praticar com um gringo bonitão.” (Grifos nossos).

Como a maior parte do perfil das leitoras da Nova tem menos de 30 anos, a revista procura apresentar ideias, novidades, artigos e reportagens que suscitem interesse específico às mulheres dessa faixa etária. Diante desse foco, apresenta abordagens de toda ordem sobre o tema do sexo, como por exemplo, dicas sobre sexo no primeiro encontro, guia de etiqueta sexual para recém-namorados, truques para esquentar a relação. Ou seja, as reportagens visam atender, em sua maioria, aos interesses das mulheres solteiras ou recém-comprometidas.

Família e Amigos: “Sagitário – A maior atenção por parte dos amigos vai tornar sua vida social intensa.”; “Capricórnio – Um amigo sexy anda solto por aí – se essa amizade ganhar contornos de paixão, curta sem questionamentos.” (Grifos nossos).

Podemos observar na materialidade discursiva do horóscopo da Nova, pelo menos do mês de setembro de 2010, que é não feita referência

à questão da família, há o apagamento da participação dos pais, irmãos, na vida da leitora, o que sinaliza um não-vínculo, uma independência, construindo uma imagem da mulher que se basta, que é autônoma.

Quanto às relações de amizade, verificamos apenas uma passagem da presença dos amigos na vida social das leitoras; e outra que ultrapassa a relação de amizade entre um homem e uma mulher: “Um amigo *sexy* anda solto por ai – se essa amizade ganhar contornos de paixão, curta sem questionamentos”, o que nos aponta para uma mulher que está aberta a experimentar nossas experiências amorosas.

Carreira: “Libra – Profundas mudanças à vista se você acha seu emprego um tédio e seu salário uma esmola. Um bico nas horas livres pode se tornar mais rentável do que seu trabalho registrado”; “Sagitário – Você terá boas chances de ser bem-sucedida ao apresentar projetos no seu trabalho, procurar um novo emprego ou até mesmo reivindicar com seu chefe aumento ou promoção.”; “Capricórnio – A fase pede uma avaliação dos prós e dos contras da profissão escolhida.”; “Aquário – Hora de curtir bases sólidas na sua carreira. Vale dar uma forcinha: frequentar *workshops*, comprar livros especializados e até viajar para aperfeiçoar um idioma.” (Grifos nossos).

Como as leitoras de Nova se tratam de jovens adultas, muitas vezes elas ainda estão com sua carreira em processo de experimentação e de descoberta: “[...] se você acha seu emprego um tédio e seu salário uma esmola. Um bico nas horas livres [...]”; “[...] procurar um novo emprego ou até mesmo reivindicar com seu chefe aumento ou promoção”; “[...] avaliação dos prós e dos contras da profissão escolhida”; mas sempre almejando sua realização e consolidação profissional “[...] boas chances de ser bem-sucedida ao apresentar

projetos no seu trabalho”; “Hora de curtir bases sólidas na sua carreira”. Para tanto, precisa abrir-se a momentos de aprendizado “[...] frequentar workshops, comprar livros especializados e até viajar para aperfeiçoar um idioma” para o crescimento profissional.

Práticas de consumo e Finanças: “Libra – O foco deve ser engordar a poupança, não o guarda-roupas.”; “Leão – Abra uma poupança e faça investimentos para não torrar seu dinheiro.” (Grifos nossos).

A independência financeira e a realização profissional insere a mulher na sociedade de consumo, tornando-a uma consumidora ativa. Assim, grande parte das publicidades é dirigida para a figura feminina, muitas vezes responsável pelo consumo de toda a família.

A própria revista Nova contribui com o incentivo às práticas de consumo, anunciando diversos produtos como roupas, calçados, bolsas e acessórios, perfumes, joias, aparelhos celulares e de depilação, produtos de tratamento para cabelos e para pele, absorventes, remédios, vitaminas, etc.; procurando influenciar o comportamento de suas leitoras para adequar-se aos padrões estipulados socialmente.

Por outro lado, no horóscopo parecer haver um aconselhamento para diminuir essa tendência consumista, propondo investimentos e aplicação em poupança: “O foco deve ser engordar a poupança, não o guarda-roupas.”; “Abra uma poupança e faça investimentos para não torrar seu dinheiro”. É claro que uma revista de cunho publicitário está interessada em comercializar os produtos que anuncia, mas também em vender as ideias propostas no horóscopo como aquilo que as mulheres querem e precisam ouvir.

Lazer: “Sagitário – [...] celebre suas conquistas com eles [os amigos] numa *happy hour*.”.

Como o público alvo da revista são mulheres sexualmente ativas solteiras ou comprometidas, em sua maioria o lazer proposto é “*happy hours*”, baladas, *shows*, cinemas; ou seja, lugares para se divertir a dois, em grupo, ou para quem quer encontrar uma companhia.

Saúde e Beleza: “Gêmeos – Verifique se não anda descuidando da saúde. O que ajuda: mais horas de sono e alimentação natural.”; “Virgem – Na lua crescente, entre 15 e 22, aproveite para cuidar do corpo. Que tal agendar uma drenagem linfática ou então uma massagem com bambu?”; “Peixes – Como sua reserva de energia anda baixa, a saúde merece atenção especial.” (Grifos nossos).

A mídia tem cumprido um papel importante na divulgação dos padrões de beleza instituídos no campo social, vendendo a imagem de uma mulher super poderosa, gostosa, *sexy*, saudável, bem sucedida. Isso resulta em preocupações, muito além de que só com a saúde: “descuidando da saúde”, “a saúde merece atenção especial”; mas também com a estética, com o corpo perfeito: “mais horas de sono e alimentação natural”, “cuidar do corpo”, “drenagem linfática ou [...] massagem com bambu”.

Diante disso, o que vemos no discurso do horóscopo não é apenas um discurso preditivo, como esse gênero foi visto ao longo da história, mas também, como uma tentativa de atender a seu público alvo, no caso desta pesquisa, às mulheres; procurando se adequar às novas identidades, direcionando o discurso para o que elas preci-

sam ouvir, com base em sua realidade. Portanto, se configura, também, como um discurso publicitário. Tal direcionamento é possível de ser observado já nas capas dessas revistas femininas, que trazem em sua materialidade imagético-discursiva uma adequação às características e realidade de suas leitoras.

Considerações finais

Diante do exposto, o que se observa, por um lado, são identidades femininas que foram sendo construídas ao longo da história e que deságuam, em dado momento, em um confronto interno de valores, entre o velho e novo, o simbólico e o não simbólico, diante do atravessamento ideológico tradicional da figura feminina que ainda perpassa a sociedade e é materializado nas práticas discursivas.

Por outro lado, o que se pode verificar é uma mulher multifacetada, múltipla, que luta, trabalha, faz suas escolhas profissionais, sentimentais, sexuais, que participa das decisões, isso diante do que se tem rompido e conquistado, marcado a partir dos traços de mudança discursiva. Há, pois, aqui, uma busca de si, a busca a um pertencimento, a busca de uma identidade que não é única, mas plural, líquida. Portanto, o poder também é exercido e vivido por essas mulheres. As relações de poder que elas vêm experimentando resultam, em diversos contextos, na quebra de preconceitos, fazendo com que suas posições sejam respeitadas, suas sugestões acatadas, suas opiniões aceitas, além de disseminar, não apenas entre as mulheres, mas também entre os homens, a ideia da mulher como agente sócio, político, econômico e cultural, emancipado e produtor de realidade.

Levando em consideração as ideias de Bakhtin/Voloshinov (1995) de que palavra é dialógica por natureza, já que sempre direcionada a um outro, adequando-se ao contexto de produção, podemos observar que o discurso do horóscopo cumpre esse papel, pois apresenta em sua estrutura imagético-discursiva marcas identitárias próprias do seu público alvo, a fim de causar identificação. Além disso, verifica-se que em cada signo esses traços de identidades são plurais, múltiplos; o que, segundo Foucault (2005), diz respeito ao sujeito disperso, aquele que pode assumir, alternadamente, diversos papéis sociais.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Traduzido por Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. 7. ed. Tradução Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da; _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PILOSU, Mário. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença, In: _____.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

A irrupção de discursos antifeministas no *Facebook*: uma análise da página *Mulheres contra o feminismo*

Francisco Vieira da Silva
Livia Alves Monteiro Carlos

Resumo: Objetivamos, neste artigo, analisar o funcionamento de discursos antifeministas na página do *Facebook Mulheres contra o feminismo*, no intuito de descrever e interpretar os efeitos de sentido que emergem através das posições sujeito na página em questão. Para essa análise, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos de Foucault (2009, 2010, 2011, 2016) sobre enunciado, acontecimento, sujeito e saber/poder. Metodologicamente, essa pesquisa é qualitativa, por debruçarmos sobre a pesquisa um olhar analítico para com os discursos analisados e descritivo-interpretativa, em função da descrição dos dados colhidos e as interpretações tecidas sobre eles. Com base nas análises empreendidas, chegamos à constatação de que os discursos antifeministas presentes na página emolduram a mulher feminista como doente, preguiçosas, incitadora do estupro e as inserem no âmbito da antinomia “santa” versus “puta”.

Palavras chave: Antifeminismo. Discurso. *Facebook*.

The irruption of the antifeminism discourse on *Facebook*:
an analysis of the page *Women against feminism*

Francisco Vieira da Silva. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA, RN.

Livia Alves Monteiro Carlos. Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Abstract: In this article we aim to analyze the functioning of antifeminist discourses in the Facebook page against women feminism, in order to describe and interpret the effects of meaning that emerge through the subject positions in the page in question. For this analysis, we are anchored in the theoretical assumptions of Foucault (2009, 2010, 2011, 2016) on statement, event, subject and knowledge / power. Methodologically, this research is qualitative, since we look at the research an analytical look at the discourses analyzed and descriptive-interpretative, depending on the description of the data collected and the interpretations woven on them. On the basis of the analyzes undertaken, we come to the realization that the antifeminist discourses present on the page frame the feminist woman as ill, lazy, inciting rape and insert them within the framework of the “holy” versus “whore” antinomy.

Keywords: Antifeminism. Discourse. Facebook.

Introdução

Não devo nada ao movimento de libertação das mulheres. As feministas odeiam-me, não é? Não as posso culpar uma vez que odeio o feminismo. É puro veneno.

Margaret Thatcher

O feminismo é um movimento coletivo de sujeitos sociais surgido nos idos do século XIX, com o intuito de questionar as desigualdades sexuais que normatizavam (e ainda normatizam!) as maneiras pelas quais as mulheres deveriam se portar no seio da sociedade, por meio da supremacia masculina. O movimento feminista provocou mudanças na sociedade ao longo da história, desde a conquista do voto até a luta pela libertação dos corpos. Continuando sua militância nos dias atuais, são muitas as páginas e *blogs*

feministas que têm surgido no cerne da web, com o intuito de fortalecer ainda mais o movimento.

Mas, com o avanço e grandes conquistas do movimento feminista e principalmente no fim do século XIX para o século XX, começa a emergir na sociedade discursos contrários ao feminismo. A medicina foi uma das áreas utilizadas para reprimir a constante busca das mulheres pelo nivelamento entre os sexos, lançando mão de ameaças médicas e de teorias do ramo científico para afirmar que a tão sonhada igualdade dos gêneros traria perigo para as mulheres, tanto do ponto de vista moral quanto físico. Também foram levantados questionamentos às mulheres que ingressaram nas universidades, no mundo das artes e da literatura. Uma verdade é que sempre houve discursos de desqualificação dos movimentos feministas, os quais se alicerçam em vontades de verdade sustentadas na religião, no patriarcado, no machismo, na política, por exemplo. Em nossa contemporaneidade, são propagados discursos contrários ao feminismo e às suas lutas desqualificam as mulheres desse movimento, reduzindo o teor político do feminismo. Esses discursos antifeministas disseminam-se especialmente nas redes sociais e em *blogs*.

Assim, a *web* é um local fértil em que esses tipos de discursos têm se expandido rapidamente. Segundo Wertheim (2001, p. 163): “o ciberespaço não está apenas se expandindo, [...] sua gênese é análoga à do espaço físico”, ou seja, os discursos que circulam os espaços físicos da vida real ganham o terreno da internet, em específico, das redes sociais que possibilitam a interação entre os mais variados tipos de sujeitos. Nesse espaço, hoje, é possível promover manifestações e militâncias.

Partindo dessa discussão, o objetivo deste trabalho consiste em apreender o funcionamento dos discursos antifeministas, em postagens da página *Mulheres contra o feminismo*, no Facebook. Assim, ao examinarmos esses discursos, procuramos evidenciar nas posições antifeministas os enunciados que possibilitaram o surgimento de um discurso antagônico ao feminismo. Esses discursos permitem mostrar como o sujeito feminista é construído através de um discurso misógino, ao ativar memórias discursivas que evocam o debate sobre os próprios valores sociais, o próprio gênero e os papéis intrínsecos a ele.

Para tanto, empreendemos nossa análise em consonância com o pensamento de Foucault (2016), o qual nos permite buscar na descontinuidade da história como os discursos nos produz, de modo a possibilitar uma espécie de ontologia crítica do presente, para tentar compreender nossas subjetividades no tempo presente. Ou seja, as reflexões foucaultianas procuram examinar como os discursos produzem as verdades de certo momento histórico, ou ainda compreender “Quem somos nós?” (FOUCAULT, 2009, p. 235).

Para Courtine (2006, p. 57), a Análise do Discurso, para dar conta de uma arqueologia contemporânea, precisa inserir-se num projeto de “análise das representações compostas por discursos, imagens e práticas. A transmissão da informação política, atualmente dominada pelas mídias, se apresenta como um fenômeno total de comunicação, [...] na qual os discursos estão imbricados em práticas não-verbais”. Assim, nesse processo de análise semiológica, Courtine explora o conceito de enunciado de Foucault, trazendo-o para o centro da Análise do Discurso para dar conta de uma análise não verbal, em que o estudo se volta para o enunciado semiológico.

Metodologicamente, tomamos como *corpus* de nossa pesquisa quatro postagens da página *Mulheres contra o feminismo*. Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma vez que empregamos em nosso estudo uma perspectiva que dá possibilidades para compreender e interpretar os fenômenos sociais, imbricados nestas postagens do *Facebook* em questão, o que nos permite analisar as postagens que surgem através da posição sujeito antifeministas inscritas nessa página. Ademais, a pesquisa é descritivo-interpretativo, pois leva em consideração que descrevemos e interpretamos as características dos enunciados verbo-visuais antifeministas e interpretamos as particularidades que emergem nesses discursos antifeministas.

Para esta pesquisa, ancoramo-nos na Análise do Discurso, em específico, no método arqueogenealógico proposto por Foucault, para descrição e interpretação dos discursos, já que este método permite uma investigação que engloba a descrição dos saberes e o funcionamento dos poderes na constituição dos discursos.

Do ponto de vista organizacional, este artigo encontra-se dividido em três seções, além desses comentários introdutórios. Assim, na seção seguinte, discutiremos alguns conceitos da Análise do Discurso respaldados em Foucault (2009, 2010, 2011, 2016), mobilizando noções sobre discurso, acontecimento, enunciado, sujeito e poder/saber. Na segunda seção, lançamos um olhar analítico sobre as materialidades analisadas. E por fim, na seção final, discutimos sobre aspectos mais gerais sobre o texto.

Sobre Foucault e a Análise do Discurso

Todo discurso na sociedade é controlado pelos saberes e poderes. Em *A ordem do discurso* Foucault (2011) inicia o texto afirmando o desejo de tomar a palavra e falar, ser envolvido por ela, mas nem tudo pode ser dito, “afinal, onde está o perigo?” “Porque é tão perigoso falar?” São estes alguns dos questionamentos que norteiam o pensamento de Foucault. Há uma inquietação perante o que é o discurso, nessa sua sina arriscada de ser produzido e fadado ao apagamento. Na sociedade, toda enunciação é controlada. Regula-se o que se diz e a forma de se dizer, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 2011, pp. 8-9). Falar é um ato perigoso, pois supõe lutas, dominação, poder e resistência e nesse jogo dos discursos, estes irrompem como acontecimentos na sociedade.

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 2016, p. 31)

O autor compreende os discursos como uma série de acontecimentos, considerados únicos em seus momentos. Conforme um discurso irrompe na sociedade, avalia-se nele os efeitos de sentidos produzidos, sendo que um mesmo discurso produzido em um outro

momento, os efeitos apreendidos nele já serão outros diferentes, pois se considera o momento das produções discursivas. No entanto, os discursos são tomados como acontecimentos e sofrem dispersão, transformação e em sua unidade obedece a regularidades, sendo nesse processo que seus efeitos de sentidos são alcançados.

Na explanação do conceito de enunciado em *A arqueologia do saber*, Foucault (2016) afirma que este não se confunde com a frase, o ato de fala e a proposição, dessa maneira o enunciado não está nem dentro, nem fora de um signo linguístico, ao invés disto encontra-se regido por leis, dentro de uma regularidade que só surge depois de encontrar as regras de formação de um discurso. Encontrando-se o enunciado não nos signos, mas em sua separação, em seus interstícios, no limite dos signos, por isso é concebido na prática discursiva, isto é, o enunciado é tratado como um acontecimento discursivo. No método arqueológico proposto por Foucault, tem-se como cerne a relação entre as práticas discursivas e a produção histórica dos sentidos. No entanto, um questionamento importante, para análise e interpretação de acontecimentos discursivos é: “como apareceu determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2016, p. 33). Esta pergunta é a que norteia o caráter histórico das práticas discursivas.

Em Análise do Discurso, é preciso compreender o enunciado levando-se em consideração a “singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciados exclui” (FOUCAULT, 2016, p. 34). O enunciado é sempre um acontecimento que não pode ser esgotado nem pela língua,

nem pelo sentido. É considerado um acontecimento incomum, por estar conectado “por um lado a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra” (FOUCAULT, 2016, p. 34). Em contrapartida, tece relações no campo da memória e de qualquer materialidade manuscrita, ou seja, a noção de enunciado pode ser utilizada em qualquer forma de registro, assim o enunciado “é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação” (FOUCAULT, 2016, P. 35). Nesse caso, a aparição do enunciado se dá como um acontecimento que está aberto a sofrer transformação, reativação de determinadas memórias discursivas, mas essa enunciação é única e irrepetível, de forma que sempre será um novo enunciado e um novo acontecimento.

A noção de discurso em Foucault (2016) está ligada ao conceito de formação discursiva. Uma formação discursiva se constitui de um amontoado de enunciados que estão dispersos, e mantém entre si uma ordem de regularidades, que são definidas como um conjunto de regras anônimas e históricas, engendradas num determinado tempo e espaço, os quais definem o que pode e deve ser dito. Assim sendo, “a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva. A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa; [...] a formação discursiva [...] se caracteriza por uma dispersão de fato.” (FOUCAULT, 2016, p.143).

Após teorizar sobre a formação discursiva, Foucault (2016) propõe dar continuidade a esta noção, por ele projetada de “regras de formação” que dão condições de existências aos discursos. O autor distribui essas regras em quatro categorias: a formação dos objetos, a formação das modalidades enunciativas, a formação dos conceitos e a formação

das estratégias. Destas categorias, interessam-nos as duas primeiras; por isso, nos deteremos em explicá-las. Para a análise da formação dos objetos, Foucault debruça-se sobre o discurso da psicopatologia e problematiza como se deu o regime de existência desse objeto do discurso, para isso, ele traça a existência de três níveis de análise.

No primeiro nível, denominado de superfícies de emergência, procura-se compreender onde esses enunciados podem surgir, com o intuito de classificar, no caso do exemplo dado por Foucault, os discursos da psicopatologia recebem a denominação de doença, anomalia, entre outras. De tal modo, todas as superfícies de emergências irão variar de acordo com a sociedade analisada. Essa variação acontece também de acordo com a época em que emerge o discurso e de acordo com os diferentes discursos. O segundo nível, denominado de instâncias de delimitação, apresenta as instituições superiores autorizadas a delimitar os objetos. Mais uma vez tomando o exemplo da psicopatologia, o autor denomina que a instância que autoriza e nomeia a loucura como objeto é a medicina. Porém, essa instância não é a única que exerce tal função, pois a medicina atuou concomitantemente com a justiça e a autoridade religiosa. O terceiro nível, nomeado de grades de especificação, exhibe sistemas que servem para separar, opor, associar e comparar os diferentes objetos, (FOUCAULT, 2016).

Quanto às modalidades enunciativas, Foucault (2016) elucida a importância de observar quem tem o direito de falar, pois nem toda enunciação é por direito proferida por qualquer indivíduo. Assim, há na sociedade o *status* que qualifica o sujeito a falar. Como exemplo, Foucault (2016, p. 61) cita que “o *status* do médico compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas,

normas pedagógicas; condições legais que dão direito – não sem antes lhe fixar limites – à prática e a experimentação do saber.” Nesse processo, apreendemos que há todo um ritual que capacita os sujeitos a enunciarem determinados discursos. Além de o autor descrever quem pode proferir determinados discursos, ele também aborda a importância de apresentar os lugares de onde se fala, ou seja, especificar os lugares institucionais em que os sujeitos obtêm seus discursos. Por exemplo, Foucault (2016) menciona o hospital como um lugar institucional que dá direito ao médico de adquirir seu discurso, constituindo esse o local em que se pode legitimar e aplicar esse discurso. Por último, Foucault discorre sobre as posições ocupadas pelo sujeito ao proferir determinados discursos, especificando que “as posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupo de objetos.” (FOUCAULT, 2016, p. 63).

Segundo Foucault (2016) para que um enunciado exista, não basta que se pronuncie uma frase, nem que ele esteja relacionada num campo de objetos ou relacionado a um sujeito. O que determina um enunciado é a sua presença dentro de um domínio associado e para sua existência é necessário associá-lo a um campo adjacente que permite seu aparecimento, ou seja, todo enunciado possui um espaço colateral e sua margem é sempre povoada por outros enunciados. Nesse sentido, todo enunciado pressupõe outros enunciados, a começar de sua “raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado [...] livre, neutro e independente” (FOUCAULT, 2016, p. 120). Todo enuncia-

do para o autor possui um *status* que abre possibilidades para retomar enunciados anteriores, isso permite a retomada de uma memória discursiva, para uma atualização dos enunciados presentes; assim, todo enunciado é marcado pela presença de uma história e uma memória.

Apesar de em toda a sua obra Foucault (2009, p. 231) ter escrito sobre os poderes e os saberes, o seu objetivo maior “foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos”. Assim, o que está no centro de seu pensamento é a problemática de como o homem se faz sujeito. Para isso, o filósofo afirma lidar em seu trabalho com três maneiras de objetivação que transformam o homem em sujeito. Nesse sentido, o primeiro modo se constitui como o modo da investigação, cuja intenção é tentar compreender o regulamento da ciência; na segunda parte de seu trabalho, o filósofo atenta para a objetivação dos sujeitos de acordo com as práticas divisoras, ou seja, os sujeitos divididos em seu interior e em relação aos outros; por fim, estudou como o homem se torna um sujeito, a partir da ética e estética de si.

De acordo com Gregolin (2007, p. 142) “Foucault não enxerga os indivíduos como autônomos que aceitam passivamente todas as determinações do poder.”; a autora em consonância com o pensamento de Foucault discute que ao serem exploradas as resistências e lutas que confrontam o estatuto desses sujeitos, percebeu-se duas vias que regem seus comportamentos, de um lado afirmam o direito de serem diferentes e do outro rejeitam tudo que pode isolá-los e afastá-los dos outros e “cindir a vida comunitária”. Essas lutas e resistências não nascem contra os sujeitos, mas sim em oposição “aos efeitos de poder que estão ligados aos saberes, à competência e à

qualificação.” (GREGOLIN, 2007, p. 143); ou seja, os sujeitos resistem aos efeitos dos poderes classificadores de categorias individuais, de falsas identidades e ao que impõe que esses sujeitos encontrem suas verdades. São essas formas de poder que transformam os homens em sujeitos, visto que os poderes só existem porque os sujeitos lutam contra ele e a partir dele.

Para a compreensão das relações de poder, Foucault (2009) sugere que se tome como ponto de partida a resistência – tema que atravessa a obra de Foucault, “pois é somente por meio daquilo que está à margem, que está interdito, e que se coloca contra a ação do poder, é possível entender, de forma adequada, as estruturas sociais ou as regularidades políticas de um campo social.” (ALVIN, 2012, p. 27). Entretanto, através do que se encontra na margem, criam-se formas de entender o funcionamento de uma sociedade, esse modo proposto permite “mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias.” (FOUCAULT, 2009, p. 234). Essas lutas travadas na contemporaneidade são executadas em cima do questionamento de Foucault (2009, p. 235) “quem somos nós?”. Assim, com essas formas de resistência propõe-se reivindicar pela construção de uma subjetividade que não seja imposta, ou seja, engendra uma recusa aos regimes enunciativos que ignoram a individualidade dos sujeitos e propõe quem somos. Então essa busca pelo sentido dos discursos é o que irá nos trazer o entendimento de como os discursos produzem as verdades de um certo momento histórico.

O movimento antifeminista na página do *Facebook*: *Mulheres contra o feminismo*

O ciberespaço faz circular inúmeros discursos na sociedade, assim o espaço da *Web* é especializado em produzir efeitos de sentidos sobre os sujeitos sociais. A página do *Facebook* que abarca nosso arquivo de análise se constitui de um grupo, cujos efeitos de sentidos que nela circulam depreciam e deslegitimam o movimento feminista.

De acordo com Lara (et al., 2016), o antifeminismo surge como resposta das instituições conservadoras da sociedade às lutas propagadas pelos grupos feministas. As autoras da obra justificam que os discursos antifeministas emergem na sociedade para fortalecer “normas religiosas e culturais”, com objetivo de resgatar a masculinidade “da poluição e invasão”. Assim, os discursos antifeministas fundamentam-se em conceitos de gênero que reverenciam a divisão sexual como um fator natural, isto é, alimentam a ideia de que mulheres precisam se privar de ambientes políticos, como de trabalho e educação, por exemplo, devido serem naturalmente frágeis e não porque o patriarcalismo existe destacando que os homens têm por direito o domínio desses espaços que foram historicamente construídos. Assim, a desqualificação do movimento feminista acontece por meio de discursos que as constituem como “mulheres mal-amadas, feias, rejeitadas, megeras, frígidas, putas ou loucas.” (LARA et al., 2016, p. 250).

Antes de tudo, é preciso chamar atenção para a capa da página em estudo, que já na capa emoldura imagens que nos dirige a uma “ordem do olhar” (COURTINE, 2006), os quais produzem efeitos de sentido de desqualificação da mulher feminista. Vejamos a imagem do perfil:



Figura 1: Capa da página do Facebook *Mulheres contra o feminismo*¹

O enunciado verbo-imagético de abertura do grupo já tem a pretensão de desconstruir o movimento feminista, através de enunciados com os quais constrói efeitos de sentidos que desqualificam o movimento. O primeiro aspecto notado na página é que a posição assumida pelo sujeito (FOUCAULT, 2016), ao selecionar uma foto para preencher o perfil da página, associa o movimento feminista a uma doença, com o seguinte enunciado: em inglês “Feminis is cancer”, cujo a tradução significa “O feminismo é um câncer”. A voz que fala produz efeitos de sentido que nos remete a pensar o movimento feminista como o mal do século, já que o câncer é considerado uma das piores doenças de todos os tempos. Outros efeitos de sentidos

1. Disponível em: < <https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/> >
Acesso em: 10 set. de 2017.

construídos ao fazer a comparação do câncer com o movimento feminista é o de que esses movimentos são vistos como um coletivo de muitas mulheres, cujo seu crescimento é desordenado como o do câncer, e costuma invadir todas as células da sociedade, através de suas reivindicações por igualdade de gênero que, segundo as antifeministas, acontecem com bastante agressividade.

Ademais, a imagem da capa é composta por um grupo de mulheres que lutam ativamente contra o feminismo. Como exemplo, citaremos da imagem Christina Hoff Sommers, autora americana e ex-professora de filosofia conhecida por tecer críticas ao feminismo e Camille Paglia, ex-feminista e crítica ferrenha do movimento e afirma que representa as mulheres. Também é autora da frase “Não se chame de vadia a não ser que você esteja preparada para viver e se defender como tal”². Todas as mulheres da capa representam uma parcela da sociedade que não aceita os movimentos feministas como legitimador dos direitos femininos adquiridos em nossa sociedade. A presença dessas mulheres na capa confere credibilidade aos sujeitos que utilizam a página, pois como Foucault (2016) denomina nas instâncias de delimitação do discurso, há instituições superiores autorizadas a denominar os objetos do discurso. É o que acontece com a página, ao ser concebida como lugar autorizado a discursivizar enunciados que desqualificam a mulher feminista. Consequentemente, as vozes que ecoam da página tem direito a fala, pois tem o *status* que qualifica a falar, pois “ninguém entrará

2. Exemplos de mulheres antifeministas fundamentado através do blog Mulheres contra o feminismo, Disponível em: < <https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2013/04/02/mulheres-cultas-trabalhadoras-ameacadas-por-sorem-contra-o-feminismo-e-suas-mentiras/>>. Acesso em 21 de set. de 2017.

na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início qualificado para fazê-lo.” (FOUCAULT, 2011, p. 37).

Vejamos nas imagens a seguir os discursos produzidos nas postagens do *Facebook* sobre um dos princípios de luta feminista, a igualdade entre os sexos:

Na composição verbo-imagética 2 e 3, resgata-se uma memória que é representativa do movimento feminista e da força da mulher, o que nos leva para uma “ordem do olhar”. De acordo com Courti-
ne (2006, p. 57), “o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, em que a expressão pela linguagem se conjuga com a expressão do rosto, em que o texto torna-se indecifrável fora de seu contexto, em que não se pode mais separar linguagem e imagem”. Em consenso com o pensamento desse autor, tomamos as imagens



Figura 2: Postagem da página *Mulheres contra o feminismo*



Figura 3: Postagem da página *Mulheres contra o feminismo*

aqui presentes como enunciados em que o corpo e o rosto falam, nesse entendimento, adentramos no “paradigma da expressão”. Conforme Braga (2013), Courtine formulou a história do rosto ao atentar-se para as diferentes falas públicas, e em específico, observando as expressões explícitas através do rosto no discurso político, com isso apresenta como objeto de estudo o modo como o rosto produz sentidos. Posteriormente, Courtine formula uma história do corpo que vai desde a renascença até o século XX, ao investigar as deformidades do corpo.

Neste gesto de leitura, tomamos a figura 2, fruto de um cartaz com o título *We can do it!*³ (Traduzindo para português, “Nós podemos fazer isso!”) produzido na Segunda Guerra Mundial pelo pintor J. Howard Miller em 1943 e que foi baseado numa fotografia de uma operária que trabalhava numa Base Aeronaval. O cartaz foi produzido para a empresa Westinghouse e tinha como intuito levantar a moral dos trabalhadores enquanto a guerra acontecia, sendo visto apenas durante a guerra, na empresa em se que. Mas foi reproduzido em 1982 em um artigo, publicado na *Washington Post Magazine* (Jornal diário estadunidense), que afirmava ser o objetivo do cartaz encorajar mulheres a trabalharem na produção de guerra. Desde este momento, a imagem se associou a força de trabalho feminina na indústria, em consequência da guerra.

Na figura 2, a mulher produz uma pose, na qual mostra o músculo do muque, esta posição é utilizada geralmente pelos homens para mostrar força e virilidade, fazendo uma analogia a imagem antes historicizada. Na expressão do rosto a mulher apresenta seriedade e impõe força e coragem, ainda na imagem um balão com o enunciado “Sou feminista porque lugar de mulher é onde ela quiser!”. Para essa posição sujeito, a mulher feminista busca conquistar a igualdade de gênero, mas quer ter também o direito de escolha: ambicionam ter emprego, salários iguais e garantia de direitos. Mas no enunciado, observamos também a imagem de um homem vestido de soldado, bebendo no gargalo de uma garrafa e com uma arma amostra na cintura, simbolizando um homem viril como se estivesse na guerra cumprindo um dos papéis que cabe ao homem, e, ain-

3. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It! > Acesso em 20 de set. 2017.

da escrito na imagem os seguintes dizeres: “E ae feminista, vai um pouco de serviço militar obrigatório?” Para essa posição sujeito antifeminista, o feminismo como luta por direitos iguais deveria lutar também para fazer parte das forças armadas obrigatoriamente, pois o sujeito enunciador questiona o porquê de as feministas não fazerem protestos para exigir o direito pelo alistamento militar como obrigatoriedade feminina, já que a inscrição nesse serviço também difere os papéis de gênero entre homens e mulheres.

No segundo plano visual, observamos a imagem de uma mulher reproduzindo a mesma pose da imagem 2, levantando o braço e fazendo uma pose de muque para evidenciar o músculo do braço, mas agora a pose é feita em frente a uma pia cheia de pratos sujos e acima da imagem num balão o enunciado em inglês “We can do it!”. Vale ressaltar que o gesto produzido tanto na figura 2 como na figura 3 nos leva a noção de intericonicidade entre imagens proposto por Courtine:

A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens que produzem os sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma arqueologia de modo semelhante, ao enunciado em uma rede de formulações, segundo Foucault (COURTINE, 2011, p. 160).

Nesse viés, uma imagem pode formar uma arqueologia ao ser inscrita em várias imagens, para compreender esse fenômeno não é somente sobrepor imagens lado a lado e tecer interpretações de senso comum, mas é preciso ativar uma memória discursiva para

retomar os discursos históricos produzidos sobre a imagem, sem deixar negligenciar nenhum traço sequer.

Assim, quando a mulher é representada na cozinha em frente a pia de pratos sujos, ativa-se uma memória discursiva que reconhece que o lugar de mulher é na cozinha, isto é, cuidando da casa. O discurso antifeminista produz efeitos de sentidos que estabelecem relação entre o espaço público e privado atualizando falas patriarcais “em razão do papel reprodutor dos indivíduos, delegava ao homem a responsabilidade pelas atividades externas, como o sustento econômico, a defesa da sociedade e sua direção política e à mulher, o gerenciamento das atividades relativas ao mundo doméstico.” (ALVES, 2003, p. 19). Esse discurso ainda produz efeitos de sentido que instauram a polêmica através do enunciado verbo-visual, o que associa que as mulheres feministas deveriam mostrar sua força cuidando dos trabalhos domésticos, ao sugerir isso através do enunciado, “Nós podemos fazer isso!”, Noutros termos, a mulher feminista deveria adotar o *slogan* para reafirmar o papel da mulher como dona de casa.

Conclusão

De acordo com Foucault (2016), os discursos obedecem a certas regras de racionalidade, deslocamento e transformação, conforme o presente se modifica, os discursos vão sendo retomados resignificados, neste processo a noção de descontinuidade e ruptura, desfaz com qualquer ideia de continuidade. O que se propõe é que os discursos são acontecimentos dispersos em sua historicidade. Nessa perspectiva, pudemos analisar os efeitos de sentido produzidos

através de discursos antifeministas que acionam uma memória discursiva para desqualificar as mulheres do movimento.

Essa desqualificação ocorre por meio da construção de um arquétipo feminista. A começar, já na primeira imagem selecionada que comporta a página *Mulheres contra o feminismo*, a posição sujeito antifeminista compara a mulher feminista a uma doença que devasta a vida dessas mulheres, construindo, assim, a imagem de que toda feminista é considerada extremista. Essa página do *Facebook*, ainda, utiliza uma imagem de capa em que traz uma montagem fotográfica de várias mulheres antifeministas famosas, para estabelecer ao grupo um *status* de qualificação, que o determine autorizado a falar sobre o tema do antifeminismo.

Na segunda imagem analisada, a posição sujeito constrói o perfil da mulher feminista como um ser que luta por uma igualdade de gênero, mas que em suas pautas feministas deseja ter opção de escolha para fazer e ser o que quiser. Em tal postagem, o discurso antifeminista funciona evocando uma memória discursiva que se ampara no estabelecimento de divisão dos trabalhos entre gêneros, com o qual constrói a imagem dessa mulher feminista como alguém que se preocupa apenas em escolher ocupar os melhores lugares de trabalho. Já na terceira postagem, delinea-se um perfil de mulher feminista como desocupada, ao atribuir que o movimento feminista acontece por falta das mulheres do movimento não terem o que fazer. Nesse percurso da análise, os sentidos produzidos é o de que a mulher deve cuidar dos afazeres internos do lar e os homens dos afazeres do ambiente externo.

Portanto, os discursos antifeministas apreendidos na página *Mulheres contra o feminismo* constroem uma mulher feminista que

busca não a igualdade de gênero, mas sim uma forma de ser superior aos homens. Assim, as análises convergem para entendermos que a posição sujeito antifeminista é insatisfeita com a luta do movimento feminista, como por exemplo, a insatisfação com a mudança das normas da sexualidade feminina que elas veem como consequência negativa do movimento, alguns também veem a entrada das mulheres na política como uma catástrofe, entre outras pautas que foram conquistadas. Assim, os discursos antifeministas reafirmam a posição da mulher como um ser frágil e que deve estar restrita às atividades domésticas. No caso da página estudada, esses discursos estão atrelados a posicionamentos de mulheres sobre o tema em questão, o recrudescer ainda mais a desqualificação do feminismo.

Referências

ALVES, Maria Marcelita Pereira. A Primeira Feminista das Américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inés de la Cruz. In: LUCENA, Maria Inês Ghilardi (org.) *Representações do feminino*. Campinas. São Paulo: Átomo, 2003. p. 15-37.

ALVIM, Davis Moreira. *Foucault e o primado das resistências*. Cadernos de ética e filosofia política. USP. 2012. p. 22-30. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55955> > Acesso em: 10 set. 2017.

BRAGA, Amanda. *Retratos em branco e preto: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil*. 2013. 293 f. Tese. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. Uma genealogia da Análise do Discurso. In _____, *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos. Claraluz. 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. *Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário*. In. SARGENTINI, V. et al. *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 231-250.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

LARA, Bruna de et. al. *#Meu amigo secreto: feminismo além das redes*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro. 2016.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

Quem é o sujeito tatuado diante das redes discursivas de inclusão/exclusão expostas na mídia

Edileide Godoi

Resumo: Compreendendo que a textualização no corpo é em alguma medida um lugar de práticas de subjetivação em que os sujeitos estabelecem relações de poder, propomos discutir neste artigo como o sujeito tatuado se constitui diante das normatizações que, conseqüentemente inclui relações de inclusão/exclusão, expostas midiaticamente. Para tanto, faremos uma análise discursiva com base em conceitos desenvolvidos pela Análise do Discurso, em especial, aqueles advindos dos estudos foucaultianos. A partir de Foucault, acreditamos que os sujeitos tatuados são produzidos através das normatizações procedentes das relações de saber-poder constituídas socialmente.

Palavras-chave: Sujeito, Tatuagem, Norma, Relações de poder.

Who is the tattooed subject in the networks of inclusion/exclusion exposed in the media

Abstract: Understanding that textualization in the body is in some measure a place of subjectivation practices in which subjects establish power relations, we propose to discuss in this article how the tattooed subject is constituted before the normatizations that, consequently, includes relations of inclusion / exclusion, exposed mediatically. To do so, we will make a discursive analysis based on concepts developed by Discourse Analysis, especially those derived from Foucault studies. From Foucault's point of

Edileide Godoi. Professora no Departamento de Letras da UFPB.

view, we believe that tattooed subjects are produced through normalizations derived from socially constituted know-power relations.

Keywords: Subject, Tattoo, Norma, Power relations.

Introdução

Em tempos líquidos (BAUMAN, 2005) em que os discursos passam pela efemeridade das informações não é de se espantar que a grande questão que atravessa os sujeitos, na atualidade, seja: quem sou eu? Acreditamos que a resposta passa por determinadas relações que são construídas socialmente, a exemplo das relações de inclusão, exclusão, norma, normatização, etc. que podem ser exploradas a partir nos discursos midiáticos em dispersão. A fim de refletirmos um pouco a respeito do assunto, esse trabalho busca compreender o processo de inclusão/exclusão do sujeito tatuado que se constitui nas redes da mídia. Para tanto, faremos uma análise discursiva com base em conceitos desenvolvidos pela Análise do Discurso, em especial, aqueles advindos dos estudos foucautianos. Acreditamos, a partir da leitura dos trabalhos de Foucault, que o sujeito está em constantemente modificação, portanto, sendo resignificado a partir de diretrizes globais que operam através de práticas de governo do Estado e de subjetivação. A produtividade do cruzamento dessas formas de operação está na constante capacidade de atualização da “norma” termo empregado por Foucault.

Da norma para o sujeito

Para Foucault (2001), decorrentes da norma, estão os conceitos de normação e normalização; o primeiro é típico da modernidade e o segundo da contemporaneidade. Na modernidade, a norma é cada vez mais ligada a mecanismos de disciplinarização, correção e vigilância que direcionam a vida e o corpo do sujeito na sociedade, ou seja, os processos de nominação e separação entre o sujeito normal e sujeito anormal são definidas por mecanismos que são responsáveis por adequar o corpo a uma ordem sociocultural. Esse processo de divisão é fundamental em se tratando do sujeito moderno, sujeito normalizado. Segundo Foucault (2001), o conceito de anormal de nossos dias vem do final do século XVIII e início do XIX, sendo derivado das relações de reciprocidade que se estabeleceram entre três figuras distintas inaceitáveis socialmente: o monstro moral, o indivíduo a corrigir e o onanista. Todos marcados por dois elementos: o jurídico e o biológico.

A primeira categoria, o monstro moral, “combina o interdito e o impossível”. As malformações passaram a ocupar lugar de destaque na medida em que subverteram a lei natural, as leis da sociedade e da justiça. A periculosidade de monstro moral conduz a inversão do crime monstruoso, ao monstro criminoso (Foucault 2001, p.128). A segunda categoria, o indivíduo a corrigir é uma personagem mais recente do eu monstro. “É o mais correlato das técnicas de adestramento, com suas exigências próprias, do que dos imperativos da lei e das formas canônicas da natureza. O aparecimento do incorrigível é contemporâneo ao estabelecimento das técnicas de disciplina, a que se assiste durante os séculos XVII e XVIII” (FOUCAULT, 2001, p. 63).

A partir dessa categoria, o indivíduo a corrigir, pensa-se o sujeito tatuado em exclusão nas lentes da mídia, tendo em vista que há um sujeito tatuado discursivizado pela mídia que rompe a ordem social. Esse sujeito é veiculado a partir de práticas negativas, sujeitas à correção e disciplinamento.

A última categoria, do onanista, a criança masturbadora é a mais nova, surgindo em meados do século XIX, e foi contemporânea ao desenvolvimento das teorias da sexualidade infantil, ou às teorias da psicopatologia das perversões. Tais teorias transportaram-se das práticas de confissão da Reforma Protestante e o seu policiamento dos pecados, dentre os quais o desejo sexual. O contexto de referência estreita-se ainda mais sobre o indivíduo e seu corpo, aplicados à nova tecnologia de poder.

O saber-poder médico conquista definitivamente o seio das famílias, normatizando, controlando e regulando a relação entre pais e filhos. O médico herda o papel do padre: em lugar de interrogatórios, consultas, em lugar de penitências, tratamentos e conselhos. Como descreveu Foucault (2001, p. 74), “a pequena família incestuosa que caracteriza nossas sociedades, o minúsculo espaço familiar sexualmente saturado em que somos criados e em que vivemos formou-se aí”.

Em todas as categorias, o filósofo evidenciou histórias e trajetórias autônomas. Contudo, suas especificidades se modificaram e se misturaram em convergências e deslizamentos. Desse modo, a genealogia dos anormais se formou a partir do estabelecimento de uma rede regular de saber-poder, que sustenta o conceito de anormal.

Conforme Foucault (2001), existe uma norma cultural cuja existência postula que o sujeito seja, ou não, de determinada forma, esteja, ou não, dentro de uma determinada ordem, e esse tipo de or-

dem é marcada pelo/no corpo. Para esse filósofo, o corpo é o lugar de constituição do indivíduo, onde atua as relações de sabe-poder, lugar sobre o qual atuam os discursos e práticas sociais na escola, nas prisões, nos hospitais. Em *Vigiar e Punir*, o corpo aparece como um produto, um objeto infinitamente maleável do poder. A fabricação de corpos dóceis fabricados e governáveis é o alvo das disciplinas. Entretanto, é importante pensar que a forma de subjetividade almejada na contemporaneidade não pode ser apenas vinculada às singularidades somáticas das disciplinas, mas nas lógicas das relações de poder em que governar pressupõe a legitimação do outro, a aceitação dos governados e, sobretudo, a possibilidade de resistência.

Entretanto, embora as resistências sejam presentes nesse processo de constituição de si, segundo Ortega (2008), encontramos nas práticas de bioasceses¹ pós-moderna uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e a constituição de modos de existência conformistas que visa à saúde e o corpo perfeito. Nessa mesma direção Pereira (2013, p.173) salienta que, na hodiernidade, pode-se visualizar um movimento incessante de procura de apagamento das marcas das diferenças em favor da construção de um mundo harmônico e que, por isso, “busca desativar o que difere, marcando com uma identidade anormal o que burla, desenquadra, rompe, destoa dos enclausurados parâmetros de normalidade que engessam os sujeitos e seus corpos”.

Retomando mais uma vez Ortega (2013) diz que os avanços tecnológicos e científicos direcionados ao corpo, a partir do século XX,

1. ORTEGA, Francisco. “Da ascese à bio -ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo”. In: RAGO, Margaret; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.139-173.

tornaram as modificações corporais um fato especial na tentativa de personalização do sujeito, pois

não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, a criação”. *Body-building*, tatuagens, piercings, transplantes, próteses, clonagem, e até mesmo a última moda das amputações voluntárias representam avanços na conquista do último continente, o corpo, e tentativas personalizá-lo (ORTEGA, 2013, p.48).

Essas modificações, no limite da normalidade, são inscritas na norma do biopoder que são incessantemente acolhidos e divulgados pela mídia. Se o biopoder, diferentemente do poder disciplinar se preocupa com as populações é oportuno pensar que, além de diversos mecanismos reguladores, citados por Foucault (controle de natalidade, fecundidade, higiene, saúde pública, etc.), existe a partir do século XX o controle dos cuidados com a saúde da pele que se estende à população.

Nesse íterim, focando nosso objeto de estudo (a tatuagem) sabe-se, de modo geral, que essa prática não é algo novo ou inovador, mas que passou por significações distintas com a evolução do homem, dos meios de comunicação e das tecnologias voltadas para o corpo, estando dentro e fora dos padrões normalizadores de inclusão/exclusão criados pelas relações de saber-poder circulantes na sociedade.

Mauss Marcel (1934), entendendo a tatuagem como uma técnica corporal pontua, em sua obra “Técnicas corporais”, que as marcas corporais são maneiras como os homens de cada sociedade sabem-se servir de seus corpos. Acrescenta ainda que toda sociedade tem

hábitos, regimes, regras que são próprios de cada tempo, e exemplifica isso a partir da maneira distinta como o exército Britânico marcha diferentemente do nosso. Assim, indiferentemente de outras técnicas corporais, a tatuagem, também, tem suas particularidades influenciadas pelos valores sociais, culturais e temporais da sociedade a que está inserida. Fato que justifica mais uma vez, neste trabalho, que se analise o sujeito conforme propõe Foucault (2004): os sujeitos precisam ser compreendidos como sendo produzidos em locais históricos e institucionais específicos, porque eles são construídos dentro e não fora dos discursos.

Dessa forma, buscando compreender como a mídia produz discursos que justificam a exclusão/inclusão de determinado sujeito tatuado, acredita-se que ela surge em decorrência de uma regra sociopolítica que vai classificar os indivíduos em *normais* e *anormais*, inseridos em discursos verdadeiros que buscam governar e direcionar a vida e os corpos dos sujeitos.

Mas, para que não exista dúvida quanto à exclusão ou não exclusão, é necessário buscar as formas de emergência dessa dicotomia, partindo da premissa de que ele é elaborado como reprodução dos efeitos do poder de normalização que se espalha na sociedade. Para tanto, toma-se Foucault em sua obra *Os Anormais*, curso do Collège de France, (1974 -1975), especialmente aula de 15 de janeiro de 1975, em que ele define que a norma

não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio, não é nem mesmo um

princípio de inteligibilidade. É um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado. [...] a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção. A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação a uma espécie de poder normativo (FOUCAULT, 2001, p.62).

Quando Foucault trata da normalização, dizendo que é um tipo de poder, relaciona necessariamente esse poder a um conhecimento, que, segundo ele, só pode funcionar graças à formação de um saber, que é um efeito como condição de um exercício de poder. Por isso, a positividade dessa normalização está diretamente ligada ao conhecimento.

Como já se viu anteriormente, do ponto de vista histórico, as anormalidades estavam ligadas ao crime, ao mal, às aberrações (FOUCAULT, 2001), sendo, discursivamente resultado de práticas discursivas e não discursivas, fruto de processos históricos e culturais. Na atualidade, os rótulos direcionados aos sujeitos tatuados que fogem do padrão ideal têm o mesmo valor estigmatizador e excludente. As tatuagens, marcadas na prisão, por exemplo, são associadas a acontecimentos discursivos, já instalados na memória cultural que são retomados constantemente nos meios midiáticos como aquelas que estão a favor da desordem social.

Na perspectiva foucaultiana, a relação de poder de corpos normais/corpos anormais remete um tempo histórico ainda bastante atual, encoberto apenas pelo discurso da oportunização e da acessibilidade. Assim, não se importa se o sujeito é tatuado, marginal, malhado, gordo ou deficiente, o que está em jogo são as relações de

poder que tornam esses sujeitos aceitáveis ou não. O efeito de flexibilidade da norma funciona como uma oportunidade para que esses sujeitos se encaixem nela. No livro, *Os Anormais*, Foucault (2001) afirma que essas relações podem desdobrar-se em locais de poder a favor da hegemonia da norma.

Assim, no domínio constituído pelo corpo tatuado, de um lado está à necessidade de um controle fundamentado nas disciplinas dos biopoderes, tal como vem acontecendo nas últimas décadas, especialmente com a divulgação de uma política do corpo jovem, bonito e sensual e, por outro lado, registra-se um governo do próprio corpo que, muitas vezes, foge às regras da biopolítica social. Esse, logo é reconhecido e silenciado nas práticas discursivas de cunho positivo.

Nesses pontos, as ideias de Foucault sobre o assunto são vitais para as nossas análises, visto que convergem com aquilo que a mídia discursiviza como verdade, ou não para o corpo na atualidade, ou seja, “princípios de correção e legitimação”. Ela faz circular mecanismos disciplinares em direção ao corpo, símbolos e representações sociais sustentados por um discurso científico e jurídico que espetaculariza o corpo na sociedade, e ao mesmo tempo silencia outros discursos que rompem com os padrões sociais “corretos” e “perfeitos”.

De acordo com Fischer (2012) e Le Breton (2010), o corpo cujas formas causam mal-estar social é o corpo transgressor, é o corpo desgovernado dos sujeitos. Conforme, Kahlil (2013), os corpos desgovernados são corpos que, por funcionarem pelo excesso (de obesidade, de magreza ou de multiplicidade de formas), fogem à sociedade da perfeição. Os corpos desgovernados fazem parte de elementos que estão do lado da transgressão na medida em que “subvertem uma ordem pré-estabelecida seja dada sócio cultural-

mente, seja fixada pelas leis da natureza, acusando lugares para o impossível e para o proibido”. (MILANEZ, 2013, P.14)

Le Breton (2010, p.64) salienta, em direção ao discurso estético, que a transgressão está na deformação, no estranho, em corpos como o do *Franskentein*, que é o corpo de vida e de morte ao mesmo tempo. Para o autor, esse corpo transgride os limites do simbólico e de todas as leis que permitem nomeá-lo, classificá-lo, identificá-lo. Nas palavras do autor: “a condição do homem é corporal. Subtrair-lhe alguma coisa ou lhe acrescentar, coloca esse homem em posição ambígua, intermediária. As fronteiras simbólicas são rompidas [...] toda modificação de sua forma engaja outra definição de sua humanidade”.

Sujeito tatuado: (ex/in)clusão na mídia?

Na sociedade contemporânea, a prática da tatuagem é transmitida pela mídia como discurso anormal e transgressor quando rompem com as normas de boa conduta social, ou com as normas pré-estabelecidas físicas e estéticas vigentes e ratificadas pelos discursos médico, jurídico ou estético, ou seja, esse corpo tatuado marginalizado contém em si um caráter de exclusão e desconfiança que não está dentro dos padrões biopolíticos, estéticos e culturalmente corretos em uma determinada época. Para Pereira (2013), na sociedade contemporânea “os corpos anormais”, além de serem discriminados, terminam frustrados por não serem capazes de atingir o ideal socialmente imposto.

O “normal” tatuado, o incluído pelas lentes da mídia enquadra-se em significados simbólicos pré-construído da sociedade imagi-

nária e de um real dito pela sociedade, ou seja, é preciso alinhar-se aos padrões da moda, da arte, do estilo e sensualidade que são discursivados midiaticamente como lugares ideais para a prática da tatuagem. Esse trabalho tenso no simbólico, segundo Honório (2008, p.80) “é lugar de luta: luta pela inclusão, luta pelos sentidos, luta por significar enquanto sujeito da/na sociedade que o exclui para incluir. Sentidos que instauram contemporaneamente aos processos de subjetivação.” Assim, constroem-se pelo discurso da inclusão da tatuagem na mídia, que inclui atitudes e comportamentos, uma identidade de um grupo sob o prisma de uma normalidade que reduz tudo e todos ao mesmo.

Conforme, Gregolin (2003a, p. 54), na atualidade, a mídia é um espaço de circulação das normas sociais e culturais vigentes de representação do sujeito, este “na ausência de grandes referências nas quais se apoia, vincula à mídia sua possibilidade de acesso ao mundo e de construção de laços sociais”. Logo, a questão da representação que circula nos meios de comunicação emerge no processo de constituição do sujeito. Enquanto a prática de significação, a representação envolve relações de saber-poder direcionadas a governar a vida das pessoas, sobretudo o poder-saber que define quem é incluído e quem é excluído. Nas palavras de Woodward,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio de significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou

eu? O que eu poderia ser? Quem quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (Woodward, 2003, p.17).

Considerando ainda que a identidade é formada socialmente por sistemas de diferença, ou seja, constitui-se a partir do lugar de onde não sou, as representações dão sentido as desigualdades sociais, justificando a exclusão, estigmatizando alguns grupos.

Assim, vê-se a mídia como dispositivo normalizador que inclui/exclui os sujeitos tatuados ao adotar uma positividade que se liga a práticas sociais verdadeiras de uma época. A prática da tatuagem discursivizada pela mídia como verdade passa pela positividade da normalização por meio dos discursos jurídicos, médico e estético, a exemplo das leis que regularizam a prática da tatuagem como propondo uma idade mínima; pelo discurso médico, ao normalizar o uso de produtos descartáveis para a perfuração da pele, e, ainda, pelo discurso estético que toma o corpo desenhado, tatuado, bonito como corpo ideal, sensual, na moda e “estiloso”.

A Mídia como reprodutora de práticas sociais, toma esses discursos e propõe aos sujeitos tatuados modos de expor o corpo que normatizam as construções identitárias dos tatuados e modificam os processos de subjetivação desses sujeitos. Entretanto, isso não significa que, em sua essência, as propostas da Mídia sejam todas negativas, pois “a norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, uma espécie de poder normativo” (FOUCAULT, M, 2001, p. 43), que interfere na produção de identidades.

No caso da normalização da tatuagem, a positividade está em manter a ordem, a saúde física e o bem-estar do sujeito que se tatua. No entanto, as construções identitárias atuais dos tatuados e outros sujeitos que destoam do padrão do corpo ideal têm o mesmo efeito de marcar negativamente e excluir esses corpos alheios à norma. Nesse caso, considere-se, por exemplo, a tatuagem “marginalizada” como aquela que foge do padrão da anormalidade, “anormal”, no sentido de que fora entendida como instituído, fora da norma, do que é considerada culturalmente “correto”, em uma determinada época.

Veja-se, por exemplo, a reportagem da revista *Superinteressante*, exposta a seguir. A reportagem, embora de alguma forma inclua a tatuagem marginal nos meios midiáticos, apresenta-se cheia de significados negativos, divulgando, fazendo conhecer o sujeito marginal. Os enunciados verbais e imagéticos reatualizam e ratificam dizeres pré-construídos socialmente na memória coletiva e cultural. Conforme Gregolin (2011, p.90), alguns acontecimentos discursivos retornam constantemente, pois estão instalados com muita força na memória cultural.

A reportagem, “Cadeia Ink” (tinta na cadeia) é um exemplo desse insistente retorno para a prática da tatuagem com valores negativos. A exposição de tatuagens, usadas por detentos e seus significados, insere essa prática dentro de um conjunto de valores marginalizados. A princípio, o enunciado verbal que introduz a reportagem: “Cadeia Ink”, juntamente com o enunciado imagético, já impõe determinados efeitos de sentidos que circulam no imaginário social.

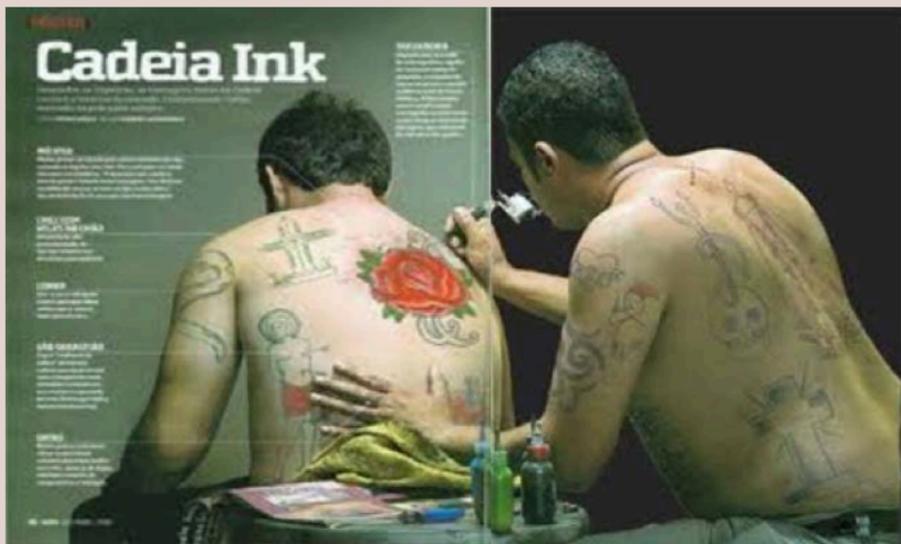


Figura 1 - *Superinteressante*, dezembro, 2008

Vejam que o sujeito tatuado exposto aqui não é o sujeito tatuado inscrito a partir do modelo de ornamentação corporal que todos devem aderir às similaridades, mas o sujeito tatuado que foge do padrão (norma) identitário midiaticizado, aquele que está longe de uma “identidade de consumo pós-moderna, em que se tem um predomínio da mídia” (KELLNER, 2001, p.25). São tatuagens mal definidas, borradas, feitas com recursos precários, com mínima condição de higiene. Biossocialmente², essas tatuagens estão fora dos padrões normalizadores da pós-modernidade, tendo em vista que na atualidade o autoaperfeiçoamento físico, que passa pelo olhar

2. Para Ortega (2008) na biossociabilidade criam-se novos critérios de mérito e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideias baseados no desempenho físico e práticas de saúde.

vigilante do outro, tornou-se um significante por meio do qual os indivíduos demonstram sua competência para cuidar de si e construir sua identidade.

A mídia propõe, desde a década de 70, um corpo tatuado não marginalizado, mas belo saudável, magro, esteticamente inserido em regras de conduta e de princípios impostos como verdades e prescrições sociais. Ela busca reproduzir um corpo tatuado inserido em valores sociais de uma classe social elitizada, que se cuida e toma todos os cuidados necessários para a saúde do corpo e da pele, não transgredindo a ordem, mas obediente a uma biopolítica de segurança para população.

Apresentar a tatuagem, a partir de uma desordem social, efeito de sentido produzido pelo próprio enunciado “Ink de cadeia”, (no senso comum “estar na cadeia” significa “fora da lei”, ou ao menos já foi fora da lei), antecipa dizeres pré-estabelecidos no imaginário social que estão fora dos padrões de orientação da prática cotidiana. Unidade consistente que se repete **nos meios midiáticos** – protagonista incansável que mantém sua visibilidade para além da reportagem da Superinteressante, pois é regular esse fio condutor em diferentes meios de comunicação (reportagens, livros, artigos, magazines, sites, blogs, propagandas, depoimentos em redes sociais etc.). Essa repetição e essa insistência sobre os corpos tatuados produzem certos conhecimentos a respeito do corpo e os sujeitos tatuados marginalizados, inserindo-os dentro de padrões reguladores excludentes.

Portanto, numa época de “espetacularização” da prática da tatuagem, essa reportagem surge como uma espécie de alerta que faz emergir determinados sentidos em relação ao sujeito tatuado, ou

seja, é preciso saber diferenciar quem é o tatuado marginal de quem não é, quem está na ordem discursiva dessa prática e quem transgride a ordem. Esses efeitos de sentidos de inclusão e exclusão materializam-se no conjunto enunciativo proposto na reportagem que busca mostrar por meio de signos verbais e não verbais como se dá o uso das tatuagens no interior da cadeia, e quais seus significados dentro daquele grupo. Isso de certa forma é uma espécie de alerta a outros grupos adeptos à prática da tatuagem de como não ser incluído dentro dessa (des)ordem.

Efeito de fim

Sendo assim, entende-se que as relações de resistência estão na base de formação dos poderes que regem a construção discursiva do corpo tatuado, tornando o corpo um lugar de circulação de poderes, pois se há a necessidade de constituir determinados padrões discursivos (jurídicos, estéticos, religiosos) é porque há um discurso divergente, baseado em práticas as quais a mídia e instituições governamentais não valorizam. Nessa relação, cria-se uma tensão entre a imagem que se propõe a desejar e o corpo que ainda não foi totalmente moldado pelos biopoderes.

O discurso midiático apresenta para a prática da tatuagem uma normalização disciplinar como um modelo de certa forma padrão que é constituído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas que querem se tatuar, os gestos, os atos, conforme esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar com essa norma e o anormal quem não é capaz. Para Foucault (2008a, p. 75

- 76), o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não são o normal e o anormal, é a norma. Dito de outro modo, há um caráter primitivamente prescritivo da norma, e é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e a identificação do normal e do anormal se tornam possíveis.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J.

Zahar Editor, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução. Eduardo Brandão - São Paulo: Martins, Fontes. 2001. - (Coleção tópicos).

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo, Martins Fontes. 2008.

_____. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (orgs.). *Discurso, Semiologia e História*. São Carlos: Claraluz, 2011, p.83-105.

GREGOLIN, M. R. (org). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

HONÓRIO Ceci-Maria, Aparecida. Dos sujeitos incluídos na(s) sociedade (s): reflexões sobre o espaço multissocial brasileiro. In; Navarro, Pedro. *O discurso nos domínios da linguagem e da História*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

KELLNER, Douglas. *A cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*; tradução de Ivone Castilho Benedetti, Bauru, SP: EDUSC, 2001. Resenha: Marisa Viana Pereira.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 4ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. 1943, 2003. Disponível em <http://www.4shared.com/office/XOBrNpWW/livro_-_antropologia_ii_-_as_t.html> Acesso em: 27/09/2012.

MILANEZ, Nilton. Transgressão, autores e problematizações: notas breves em torno do discurso do sobrenatural IN; MILANEZ Nilton, SANTOS, Jammille da Silva (org.). *Modalidades da transgressão: discursos na literatura e no cinema*. Vitória da Conquista: LABEDISCO, 2013.

ORTEGA, Francisco, *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea* - Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

_____, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

PEREIRA, T.M.A. *O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático: o corpo em cena nas capas da revista Veja*. 203 f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 7-72.

Despir a verdade para vestir-se bem: marcas de parresia no discurso do Esquadrão da Moda

Antonio Genário Pinheiro dos Santos
Marcelino Gomes dos Santos

Resumo: Este trabalho mobiliza uma discussão sobre o processo de subjetividade e de produção da verdade no discurso da moda, sinalizando para a efetividade do sentido cujos efeitos denunciam técnicas de governo e operações do dizer em torno dos modos de ser do sujeito cotidiano. O objetivo é discutir, na discursividade atrelada ao programa de TV *Esquadrão da Moda*, as marcas de parresia e o trabalho em torno da verdade na promoção do vestir-se bem. Metodologicamente, procede-se com a leitura discursiva priorizando o batimento entre descrição e interpretação. As conclusões apontam para o jogo estratégico da moda, que explora a produção da verdade a partir de seus efeitos de legitimidade e de sua vinculação institucional. Palavras-chave: Verdade. Moda. Subjetividade. Parresia.

Undressing the truth to dress well: marks of parresia in the discourse by Esquadrão da Moda

Abstract: This paper brings a discussion about the subjectivity process and truth production in the fashion discourse, pointing to the meaning function and its effects which exposes the government techniques and sayings ope-

Antonio Genário Pinheiro dos Santos. Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – DLC/CERES/UFRN.

Marcelino Gomes dos Santos. Graduando em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CERES/DLC.

rations related to the manner of being of the nowadays subjects. The main goal is to discuss, considering the discursivity brought in focus by the TV program *Esquadrão da Moda*, the marks of parresia and the work around the truth in promoting the dressing well. Methodologically, it develops a discursive reading that prioritizes a description-interpretation approach. The conclusion points to the strategic work through the production of truth by the fashion discourse that remains associated to the effects of legitimacy and institutional link.

Keywords: Truth. Fashion. Subjectivity. Parresia.

No limiar, algumas direções

A efetividade do sentido tangencia, no plano da discursividade, práticas e estratégias do dizer que não apenas produzem e oferecem o real, mas determinam, disciplinam e normalizam condutas no cerne do que se apresenta como verdade, como certo e como errado. Assim, olhar para a constitutividade e portabilidade da vida social exige considerar as operações de saber-poder a partir das quais são os sujeitos cotidianos envolvidos em um trabalho de afirmação de si.

No campo da moda, e observando a profusão dos efeitos de cobertura midiática dos acontecimentos nos dias de hoje, torna-se oportuno discutir, neste caso, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, a mobilidade de sentido e a operação estratégica do dizer no discurso *fashion*, atentando para o trabalho de promoção do *vestir-se bem* como espaço de afirmação de si, de efetividade de modos e processos de subjetivação e, sobretudo, evidenciando o espaço da moda como lugar discursivo que oportuniza efeitos de parresia e de governo.

A proposta¹ é a de problematizar a organização e a disposição dos regimes de verdade que circulam na sociedade, mobilizando um enquadramento de sujeitos sociais em um processo de positivação de suas existências, com vistas ao cuidado de si, ao bem-estar, à aceitação social e, não menos importante, aos efeitos de felicidade provocados por tais comportamentos. Nesta perspectiva, e tomando como ponto nodal a produção discursiva mobilizada no *Esquadrão da Moda*², programa exibido na TV aberta brasileira, tem-se a recorrência a um saber institucionalizado e legitimamente autorizado do mundo *fashion*, cujo movimento converge para o modo como as dizibilidades sobre o *vestir-se bem* são conduzidas a partir do efeito de paradoxo entre um antes e um depois daqueles sujeitos submetidos ao respectivo programa.

Nesse trajeto, importa tratar a moda e seus ditames de tendências e padrões como um dispositivo de poder constituído de discursos que, por sua vez, atrelam e implicam os sujeitos em determinada ordem de condução de si, no escopo das escolhas do vestuário, inscrevendo-os em processos de subjetivação. Disso tem-se a retomada de que os discursos, condicionados e inscritos na/pela histó-

1. Este trabalho é fruto de uma discussão apresentada e submetida à publicação nos anais do IV Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso, realizado de 23 a 25 de agosto de 2017, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/FALA/PPCL/GEDUERN. Em função da orientação de graduando, tal produção se efetivou em nível de iniciação científica, mas ligada à proposta maior em pesquisa de pós-doutoramento do orientador.

2. Programa transmitido pelo canal de televisão SBT, sob a direção de Johnny Martins. O programa estreou em 03 de março de 2009 e é exibido aos sábados, no horário nobre noturno. O programa conta com a apresentação da consultora de moda Isabella Fiorentino e o *stylist* Arlindo Grund, que têm, na proposta do programa, a missão de ensinar às pessoas as regras do vestir-se bem e com estilo.

ria, não são neutros. Suas condições de produção bitolam, balizam e determinam o surgimento de certos enunciados – e não outros em seu lugar – e os inscrevem em determinadas formações discursivas.

De acordo com Paixão (2017, p. 11), a moda é um dispositivo discursivo a partir do qual “se constroem indivíduos dóceis e úteis para as sociedades pautadas na produção e no consumo, ou ainda, um dispositivo que controla a população ao produzir a ilusão de que leva ao bem-estar e à felicidade”. Dessa forma, pode-se estabelecer um elo entre as relações de saber-poder que irradiam do mundo da moda e o seu papel enquanto dispositivo que mobiliza o *eu* com vistas ao cuidado de si, uma vez que os dispositivos se atrelam diretamente a tarefa de fomentar e alicerçar um processo de subjetivação, isto é, eles devem produzir o seu sujeito.

Nesta direção, retomamos as contribuições foucaultianas na *Microfísica do Poder* ao tratarmos do dispositivo. Segundo o autor,

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (FOUCAULT, 2007, p. 246).

Nesse sentido, os ditames da moda, pautados em regimes de verdade e saberes institucionalizados, moldam sujeitos inscritos em processos de subjetivação e os condicionam a agir de determinadas maneiras em sociedade, potencializando operações e táticas em torno da verdade – efeitos e vontades de verdade – bem como inscrevendo sua subjetividade na esteira da normatização e do governmentação. Segundo Fernandes (2012, p. 61), “o saber transforma os corpos em objetos de saber e produz mecanismos para promover-lhes a sujeição”.

Além disso, no trajeto de transformação do eu pela relação antes x depois, é possível entender as condições de produção não de qualquer discurso, não de uma discursividade genérica ou generalizante, mas daquelas ligadas ao discurso verdadeiro e ao jogo estratégico do falar francamente, os quais, por sua vez, denunciam marcas de parresia no discurso da moda. Assim sendo, ao se prestarem à avaliação e deferimento dos consultores encarregados – Isabella Fiorentino e Arlindo Grund – os participantes são trazidos à visibilidade na cobertura de um agora que será, mais tarde, o antes de um sujeito, sendo ele marcado por uma forma de vestir-se e de portar-se que lhe rendem, dentre outros, insucesso profissional, desprestígio social e infelicidade pessoal.



Figura 1 - Esquadrão da Moda
Fonte: www.sbt.com.br/esquadraodamoda



Figura 2 - Falta de Cuidado
Fonte: www.sbt.com.br/esquadraodamoda

Figura 3 - Fique por dentro
Fonte: www.sbt.com.br/esquadraodamoda

No programa, a assertiva é a de que o vestir-se bem representa a garantia de uma vida social plena, feliz e promissora, já que, no plano dos efeitos dela decorrentes, a escolha acertada do que vestir, e de como portar-se a partir disso, abre as portas do mercado de trabalho ao mesmo tempo em que promove o fortalecimento dos laços sociais e oportuniza ao sujeito estabelecer uma relação de positividade em relação a si mesmo. Conforme se observa nas figuras acima, esse trajeto de leitura pode ser levantado ao se considerar as dizibilidades mobilizadas nas falas não só dos referidos apresentadores, mas, também, a partir dos depoimentos colhidos de familiares, amigos e colegas de trabalho dos participantes.

Tais sujeitos são envolvidos na tarefa de falar sobre, isto é, de descrever o estilo e o comportamento das pessoas-alvo do programa no que diz respeito à forma como se vestem, como se portam e a compreensão que se tem disso dentro da família, do trabalho e do convívio social. Essas estratégias de visibilidade e de evidência

mediática são, nos episódios do referido programa, objetos garantidores da ampliação da extensão temporal do antes do personagem, de forma a comprovar a situação de risco, de inadequação e impropriedade das roupas e do comportamento de tais sujeitos no que diz respeito à saúde e à continuidade de suas relações para com o outro.

Importante salientar, ainda, que essa questão da escolha acertada do vestuário é, no *Esquadrão da Moda*, apresentada, tratada e explorada, exponencialmente sob o efeito de liberdade e de franqueza que se tem de dizer o que é adequado vestir e o que não é, e isso com atenção às mais diferentes situações do dia-a-dia do participante. Ocupando as posições-sujeito de apresentadores e de consultores e ao mobilizarem saberes institucionalmente legítimos e autorizados, Isabella Fiorentino e Arlindo Grund não só avaliam ou classificam o sujeito cotidiano, mas, principalmente o inscrevem no trajeto de falar sobre, isto é, trazem-no e submetem-no ao crivo do discurso verdadeiro e do franco-falar, associando seus fracassos – pessoais, profissionais, conjugais, sociais, éticos e até morais às suas roupas e à forma de vestir-se.

Os sujeitos recebem o *feedback* dos consultores a partir de uma franqueza do falar. Não há ornamento no que se diz, mas afirmações diretas sobre o que serve e o que não serve, sobre o que deve ser descartado e o que pode, muito eventualmente, ser mantido. É essa coragem de verdade do sujeito de dizer tudo, o trabalho de despir a verdade para vestir-se bem, que sinaliza para as marcas de parresia no discurso da moda.

Verdade e franco-falar na promoção do vestir-se bem: sobre os efeitos de parresia

As condições de produção que constituem e determinam o surgimento dos discursos estão enredadas às relações de forças que circulam em todas as esferas sociais. Nesse sentido, podemos precisar as contribuições de Michel Pêcheux no que tange à relação que liga as significações de um dizer às suas condições de possibilidade, isto é, de efetividade do sentido e de seus efeitos. Segundo o autor, tal relação não é absolutamente secundária, mas matéria constitutiva e determinante das próprias significações (PÊCHEUX, 2011).

Assim, é importante atentar para o fato de que os discursos significam de modo diferente, dependendo de sua inscrição institucional, de sua ligação ao poder e dos dispositivos disseminadores de dizibilidades a que estão atrelados. Em outras palavras, pode-se afirmar que os discursos buscam efeitos de credibilidade, de eficiência, de aplicação, de positividade, haja vista serem objeto de desejo e de vinculação ao poder. O discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2006, p. 10).

No cerne da discursividade da moda, as condições de possibilidade do dizer denunciam não a vacância de estratégias que ignoram a performatividade de um sujeito, mas, principalmente, implicam o esforço de uma pedagogia que busca racionalizar comportamentos e visões de mundo, sob o crivo de escolhas adequadas do que se tem para vestir. É, portanto, no trajeto do vestir-se bem e adequadamente que se retoma um discurso de veridicção, isto é, um discurso

de verdade, alicerçado em parâmetros de verdade – daquilo que se apresenta como certo, crível e defensável – e segundo uma política da verdade, uma vez que, nas palavras de Foucault (2007, p. 12):

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o emprego de dizer o que funciona como verdadeiro.

Tais condições de possibilidade trazem à tona, ainda, a efetividade de uma franqueza de se dizer tudo, uma verdade despida de ornamento, oferecida sob o signo de uma revelação – do que pode e deve ser usado, em detrimento de quais escolhas e comportamentos. Ao se observar o efeito de regularidade do dizer no programa, pode-se afirmar que os referidos apresentadores chocam seus convidados com as afirmações abruptas sobre seus estilos de vestimentas e escolhas de roupas, o que evidencia o efeito de negatização de um antes e potencializa a concepção da diferença e da transformação em um depois. São essas afirmações capitais que também alimentam as chamadas *spots* e vinhetas de abertura e divulgação de cada episódio, conforme se observa a seguir:

Esquadrão da Moda transforma participante piriguete ao extremo. (Esquadrão da Moda – 30 de março de 2017)

Bióloga metida a roqueira é salva pelo Esquadrão da Moda neste sábado. (Esquadrão da Moda – 11 de maio de 2017)

Corretora de móveis sem estilo será transformada pelo Esquadrão da Moda deste sábado. (Esquadrão da Moda – 06 de julho de 2017)

Madrinha de casamento cafona é abordada do Esquadrão da Moda neste sábado. (Esquadrão da Moda – 24 de julho de 2017)

Moça viciada em Mickey Mouse é salva pelo Esquadrão da Moda deste sábado. (Esquadrão da Moda – 24 de julho de 2017)

Cabeleireira sem noção para se vestir é a participante do Esquadrão deste sábado. (Esquadrão da Moda – 10 agosto de 2017)

É essa uma das estratégias que ligam o discurso do programa *Esquadrão da Moda* à parresia e ao processo de subjetivação dos sujeitos sociais. Em relação à subjetividade, trata-se de observá-la como efeito alcançado nos modos de ser do sujeito, sendo este objeto de verdades historicamente instituídas e discursos ética e politicamente alavancados em práticas de poder-saber. Segundo Foucault (2016, p. 13), “a subjetividade não é concebida a partir de uma teoria prévia e universal do sujeito, não é relacionada com uma experiência originária ou fundadora, não é relacionada com uma antropologia que tenha um valor universal”. É ela, então, trazida à cena como aquilo que forma e se transforma na relação que ela estabelece com sua própria verdade. Disso tem-se a indissolúvel relação entre subjetividade e verdade.

No que tange à parresia, nos textos *A Hermenêutica do sujeito* (nas aulas de 3 de fevereiro e de 10 de março de 1982), *O governo de si e dos outros* (nas aulas de 19 e 26 de janeiro e de 2 e 9 de fevereiro de 1983) e em *Subjetividade e verdade*, Michel Foucault problematiza tal questão como espectro da ação do governo de si e dos outros, apontando para a paridade entre dizer o que se pensa e pensar o que se diz. A parresia não se apresenta apenas como uma forma de se dizer a verdade, mas como uma estratégia que liga o sujeito ao

perigo de confrontar-se, e dessa forma constituir-se, em relação a si mesmo. Em outras palavras, segundo Foucault (2013, p. 43):

[...] não se pode cuidar de si, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com o outro. E o papel desse outro é precisamente dizer a verdade, dizer toda a verdade, em todo caso dizer toda a verdade necessária, e dizê-la de uma certa forma que é precisamente a parresia, que mais uma vez é traduzida pela fala franca.

O conceito de parresia oportuniza uma observação exponencial no que diz respeito ao imbricamento entre verdade e constituição dos sujeitos. Embora não cunhado primariamente nos estudos foucaultianos, mas neles problematizado e observado a partir de seus deslocamentos, por exemplo, na política, na filosofia e nos estudos da ética e da moral, a parresia agrega atenção ao cuidado de si e às estratégias de governo. Nessas condições, a inscrição parresiástica do discurso deve ser observada menos do lado da estrutura e finalidade do discurso verdadeiro e mais do lado do risco que o dizer-a-verdade traz para o interlocutor.

Assim, o que se evidencia é a questão do sentido que o dizer-a-verdade abre para o locutor a partir do efeito que a verdade dita e apresentada produz no interlocutor. No trajeto da discursividade da moda, as marcas dessa operação de parresia podem ser vislumbradas no momento em que os sujeitos são levados a expor a intimidade de suas escolhas de vestuários, expondo a intimidade de seus *closets*, sempre sob o olhar atento das câmeras – isto é, o olhar onipresente de um outro – e dos consultores em presença. Suas decisões de vestimentas e seus perfis de moda são, portanto, avaliados

e submetidos ao crivo legítimo e autorizado da moda que, no trajeto do franco-falar, do tudo-dizer e da liberdade de dizer tudo, retoma discursos outros, mobiliza redes de memória, prescreve efeitos de controle e oferece a uma verdade tecida histórica e discursivamente.

Nessa conjuntura, e dadas as características da sociedade contemporânea, a mídia vem, portanto, ocupar espaço preponderante, sobretudo no tocante à vida social e, mais especificamente, à questão do portar-se e vestir-se bem. Trata-se de entender que, no escopo da moda, a instituição midiática provoca efeitos de sentidos os mais diversos, apontando para a efetividade dos processos de subjetivação dos sujeitos, inscrevendo-os em um cenário ao mesmo tempo de reprovação e redefinição, de aceitação e de transformação. De acordo com Martins (2014, p. 80):

Os discursos e manifestações acerca da Moda foram alavancados de maneira surpreendente a partir da consolidação da era da informação e da comunicação, pois se tornaram bastante acessíveis e foram entendidos também como um caminho para se apreender e estudar os elementos valorativos que portam traços subjetivos e objetivos que constituem a natureza humana; a relação do sujeito para consigo mesmo e para com o “outro”, no âmbito das relações intersubjetivas; e o próprio contexto social, político, econômico que a engloba.

Trazidos à visibilidade, os participantes do programa *Esquadrão da Moda* expõem e têm suas intimidades expostas, discutidas, suas escolhas de roupa ocupando espaço de avaliação e de classificação entre um certo e um errado, suas vidas sociais, profissionais e pessoais julgadas e ranqueadas segundo critérios de aceitação, sucesso, felicidade

e plenitude. E tudo isso segundo estratégias ligadas, por sua vez, aos eixos da formação dos saberes, da normatividade dos comportamentos e da constituição dos modos de ser do sujeito (FOUCAULT, 2013).

Nessas condições, pode-se refletir a íntima e produtiva relação entre moda e mídia, uma vez que, por meio de seu potencial de disseminação na sociedade, de propagação de verdades – jogos de verdade – tais instâncias conseguem, em uma relação mútua, atingir diretamente os sujeitos inscritos no bojo da vida cotidiana, mobilizando-os com vistas ao cuidado de si. Os jogos de verdade, por sua vez, dizem respeito a um conjunto de regras e mecanismos de produção da verdade e de mudanças das regras que circunscrevem, produzem e determinam o alcance de tal verdade. São denominados de jogos de verdade, por representarem um conjunto de procedimentos a partir dos quais e pelos quais a verdade é instaurada, instituída e desinstituída pelos sujeitos por meio de suas práticas (FOUCAULT, 2016).

À medida em que mostra, a mídia orienta, disciplina e induz o sujeito a assumir certas posições e a agir sob determinados regimes de verdade, em busca de um padrão estético de beleza socialmente construído e discursivizado. Os sujeitos buscam ou são levados a ocupar determinados lugares, a portos que lhes asseguram suas existências no seio da vida social, uma vez que “se o poder existe sob a forma de relações, um exercício de forças entre os sujeitos, a verdade, que não existe fora do poder, será exercida, por meio dos discursos, entre os sujeitos” (FERNANDES, 2012, p. 70).

A operação midiática se apresenta, então, como um operador de discursividade e de subjetivação, pois oportuniza a materialização e a proficuidade de relações de poder e de saber que agem na égide da afirmação de si e no espaço da constituição de lugares discursivos e

de posições-sujeito determinadas. No tocante aos padrões do vestir-se bem, o sujeito é sempre conduzido, inscrito em redes de discursividade que o convocam a um depois – símbolo de beleza e de transformação – e a um antes – atrelado aos efeitos de inadequação e caricatura. E nessa operação, subjetividade, verdade e parresia convergem para a constituição e afirmação dos sujeitos em relação a si mesmos.

O sujeito sob a vigilância do esquadrão da moda

Oportunizar uma leitura discursiva acerca da moda, no escopo do controle, da subjetividade, da constituição da verdade e da parresia, implica considerar as operações de controle não só do dizer e de seus efeitos, no plano do que pode e deve – e segundo que maneira deve – ser dito, mas atentar, sobremaneira, para o gerenciamento de si na perspectiva de um governo da e sobre a vida de si e dos outros. Nesta perspectiva, e com especial atenção ao objeto em discussão, traz-se aqui a máxima de que o sujeito é discursivizado e mantido sob a vigilância panóptica³ da moda e da ordem discursiva por ela imposta.

Segundo Marcello (2009, p. 234 *apud* SANTOS, 2015, p. 60), as operações de agenciamento, interdição, segregação e produção do dizer e do sentido, sendo elas constitutivas da força motora que fomenta, possibilita e materializa um policiamento ostensivo do discurso e da verdade, sinalizam para os efeitos de visibilidade e de hipervisibilidade dos produtos da mídia, já que:

3. Numa referência à discussão trazida por Michel Foucault em *Discipline and Punish, Panopticism*. Cf. *Discipline & Punish: The Birth of the Prison*, edited by Alan Sheridan, 195-228. New York: Vintage Books, 1977.

O grau de visibilidade que um sujeito adquire perante o acontecimento é um efeito, uma marca de práticas discursivas imbuídas na operacionalização de táticas de poder e de estratégias de saber. Desse modo, a insistência indiscreta do poder obriga o sujeito a desapropriar-se de si, mas constituindo para si mesmo uma subjetividade e uma objetividade.

Estas práticas se encontram explicitadas, por exemplo, na própria tessitura do jogo discursivo-ideológico do *reality-show* que instaura o efeito de deslocamento de um antes para um depois. Nesse trajeto de movimento, o programa sistematiza estratégias discursivas que operam na evidência do corpo e do dizer de forma a produzir efeitos de uma transformação genérica do sujeito – não só no vestuário, mas, sobretudo, na sua personalidade – ainda que seu propósito seja adestrar o sujeito no bojo de uma pedagogia do vestir-se bem e promover a felicidade do outro no espaço do governo e da disciplina, conforme pode-se observar nas figuras a seguir:



Figura 4 – Antes x Depois1



Figura 5 – Antes x Depois 2



Figura 6 – Antes x Depois 3



Ao depois, resta a promessa da autoestima recuperada e da tão almejada aprovação social no seio da vida cotidiana, por parte dos amigos, familiares e colegas de trabalho. Nesse sentido, é que o discurso da moda funciona: como um dispositivo social e discursivamente determinado que conduz os sujeitos à subjetivação, com base em padrões estéticos historicamente construídos, discursivizados a partir de um determinado regime de veridicção, de verdade. É importante salientar, ainda, que ao se observar a constitutividade dos dizeres e a forma como esses são conduzidos no *Esquadrão da Moda*, depara-se com circunscrição parresíastica do falar sobre a moda.

Trata-se da materialização de um discurso que se pretende verdadeiro, de uma verdade mobilizada na franqueza e na liberdade de se dizer tudo o que deve ser dito e de maneira não ornamental, desligada dos recursos da retórica e mantida distante da lisonja. É a operação em torno da parresia como instrumento de condução

da verdade, a qual, ao ser oportunizada na discursividade da moda, engendra um processo de retomada de dizeres, de sentidos e de memórias atreladas à subjetivação dos sujeitos de hoje.

Nessa conjuntura, pode-se afirmar que a sociedade pós-moderna intensifica a aplicação discursiva dos regimes de verdade com base no jogo da dualidade: certo e errado, positivo e negativo, adequado e inadequado, bonito e feio. São estratégias de poder-saber operadas no plano das práticas e do sentido e “grande parte desse adestramento ou dessa pedagogização, no sentido de determinar uma forma ideal de comportamento, encontra respaldo nos diferentes meios midiáticos e por meio deles se cristalizam” (PAIXÃO, 2013, p. 32).

A veiculação desses discursos, para além do poder de legitimação dos saberes institucionalizados, encontra na mídia uma potencialização de seus efeitos de sentido e de propagação social. Esta proposta permite, portanto, conceber que a verdade é materializada nos discursos e que está em circulação em todas as esferas sociais, promovendo ações de subjetivação e objetivação de sujeitos. Permite, ainda, a problematização acerca da parresia como obrigação e possibilidade de se trazer a verdade sempre ligada ao modo de ser do sujeito e sua constitutiva dependência da relação de si para consigo e de si para com os outros (FOUCAULT, 2013).

No exercício de leitura discursiva e considerando, portanto, a proficuidade do sentido, pode-se afirmar, a partir das figuras acima, o efeito de polarização e movência – de subjetividade, de cuidado de si, de afirmação de si – de um antes para um depois. De um lado, temos a realidade do antes, com duração temporal alargada⁴, sempre maior, passível de julgamentos, críticas, juízos de valor, apon-

4. Percebida na apresentação dos episódios em tela.

tamentos de certo e errado, positivo e negativo. De outro, tem-se a realidade de um depois, oferecida como produto, transmitida numa extensão temporal sempre inferior ao antes, redirecionada, repaginada e, portanto, discursivamente positivada.

Ademais, o antes é sempre mostrado no cotidiano do sujeito, são imagens gravadas e trazidas no espaço da intimidade do participante – sua casa, seu trabalho, seu ciclo de amizades – além de assegurado por comentários e depoimentos de pessoas próximas que comprovam e denunciam os estilos e escolhas que devem ser objeto de avaliação e conseqüente transformação no programa. O depois, por sua vez, é explorado, na sua maior parte, no cenário interno do programa ou, quando muito, no interior de lojas, previamente selecionadas e organizadas para propiciar o posicionamento de câmeras especiais que vão captar imagens do participante de vários e diferentes ângulos, mas nunca de qualquer um.

Considerações finais

A produção de discursos e sujeitos, ambos inscritos na história e em uma relação descontínua de imbricamento, é sempre condicionada por fatores externos. Tendo em vista os regimes de verdade socialmente construídos e propagados e as ordens de saber e poder, os sujeitos sociais são perpassados e constituídos a partir de padrões e critérios de valoração de suas condutas e comportamentos. Os saberes e poderes constituem uma malha minuciosamente articulada, que incide diretamente sobre a vida de sujeitos cotidianos em todas as esferas sociais, moldando-lhes seu modo de ser, instituindo o que deve ser acatado como verdadeiro, condicionando-os à ação disciplinadora.

Retoma-se, então, a máxima de que os discursos que circulam na sociedade não são neutros. São eles determinados por questões que estão para além da tessitura linguística, ligados à historicidade de práticas e regimes de veridicção e, sobretudo, oportunizados em condições seletivas de emergência.

É segundo essa incursão de leitura discursiva que se volta para a estruturação e acontecimento do programa Esquadrão da Moda. A leitura do objeto traz à tona a efetividade de regimes de poder e verdade que, a partir de condições de produção determinadas, dão margem ao surgimento de espaços de subjetivação. A partir de tal operação, os sujeitos são confrontados consigo mesmos no bojo da vida cotidiana, sendo levados a assumir determinadas posições – e não outras em seu lugar – sempre com vistas ao cuidado de si e aos efeitos de felicidade conquistados quando da positivação de si, pela moda.

Referências

FERNANDES, C. A. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. Discipline and Punish, Panopticism. In: SHERIDAN, A. (Org.). *Discipline & Punish: The Birth of the Prison*. New York: Vintage Books, 1997. Disponível em: <www.foucault.info/doc/documents/disciplineandpunish>. Acesso em: 17 jun. 2017.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. Tradução de Márcio A. Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *O governo de si e dos outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *Subjetividade e verdade*. Tradução de Rosemary C. Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

MARTINS, M. M. Corpo masculino na publicidade: casos de persuasão. *Revista Dobra[s]*. v. 7, n. 16. 2014.

PAIXÃO, H. *Saber, poder e sujeito no dispositivo da moda*. 2013. 185f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

_____. *Resistência e poder no dispositivo da moda*. 2017. 258f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

PECHEUX, M. Língua, Linguagem e Discurso. In: PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. (Orgs.) *Legados de Michel Pêcheux*: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, A. G. P. *Poder, discurso e mídia*: a espetacularização de imagens no acontecimento da política norte-americana. 2015. 220f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

Ler com Foucault: modalidades do saber em video-aulas de leitura

Carla Luzia Carneiro Borges

Resumo: O trabalho parte de um modo de ver a leitura, na perspectiva de Michel Foucault, tendo como base o (dis)senso comum de que “ler é viajar”, “ler é dar asas à imaginação”, aventurando na tarefa de exercitar primeiro uma arqueologia do modo como o próprio Michel Foucault pratica a leitura, tomando como base seu modo de ler telas, corpos, cenas sociais, a linguagem em geral como o faz em *As Palavras e as coisas*. Num segundo momento, desloca-se o olhar, através do olhar de Foucault, para ler as práticas de leitura em salas de aula e em outros espaços, inclusive midiáticos e virtuais, com o objetivo de apresentar as modalidades do saber/poder pela leitura na instituição escolar e em outros espaços sociais, caracterizando a posição do sujeito-leitor, em sua historicidade, bem como de produzir vídeo-aulas de leitura e outros materiais didáticos importantes para formação de professores, tendo por base o método arqueológico de leitura, praticado por Foucault em suas obras. Os resultados devem apontar segundo que regras, determinadas práticas discursivas, centradas na leitura, organizam conjuntos de enunciações e de conceitos sobre leitura, bem como a partir dessas práticas o sujeito se constitui no governo de si e dos outros. O foco estará no eixo prática discursiva–saber–ciência (FOUCAULT, 2004, p.205).

Palavras-chave: Práticas de Leitura; Michel Foucault; Arqueologia do saber; Modalidades do saber/poder.

Carla Luzia Carneiro Borges. Doutora em Linguística pela UNICAMP, Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana, coordena o Núcleo de Leituras Multi-meios; é docente no Mestrado em Estudos Linguísticos da UEFS.

Leer con Foucault: modalidades del saber en video-lecciones de lectura

Resumen: El trabajo está inspirado en un modo de ver la lectura, en la perspectiva de Michel Foucault. Inicialmente, la investigación se basa en la visión del (dis)senso común que considera la lectura como “un viaje” o “algo que necesita dar alas a la imaginación”, y por eso aventurarse en la tarea de ejercitar primero una arqueología del modo como el propio Michel Foucault practica la lectura, llevando en consideración su modo de leer telas, cuerpos, escenas sociales y el lenguaje en general. Enseguida, se propone leer prácticas de lectura en clase y en otros espacios, incluso mediáticos y virtuales, con el objetivo de presentar las modalidades del saber/poder por medio de la lectura en la institución escolar y en otros espacios sociales, caracterizando la posición del sujeto-lector, en su historicidad, además de producir video-clases de lectura y otros materiales didácticos importantes para la formación de profesores, basándose el método arqueológico de lectura practicado por Foucault en sus obras. Los resultados deben señalar cuáles reglas, determinadas prácticas discursivas, centradas en la lectura, organizan conjuntos de enunciaciones y de conceptos sobre lectura, además de esto, se espera comprender cuáles de estas prácticas contribuyen para que el sujeto constituya el gobierno de si y de los otros. El foco estará en el eje práctica discursiva-saber-ciencia (FOUCAULT, 2004, p. 205).

Palabras-clave: Prácticas de la lectura; Michel Foucault; Arqueología del saber; Modalidades del saber/poder.

Introdução

Partindo de um modo de ver a leitura, que é base do (dis)senso comum de que “ler é viajar”, “ler é dar asas à imaginação”, aventuro-me na tarefa de exercitar primeiro uma arqueologia do

modo como o próprio Michel Foucault pratica a leitura, tomando como base seu olhar para o quadro de Veslaquez, *Las meninas*, em *As Palavras e as coisas*. Num segundo momento, desloco meu olhar, através do olhar de Foucault, para ler uma pequena mostra de vídeo-aulas de leitura. O objetivo é apresentar as modalidades do saber em vídeo-aulas de leitura, tomando como orientação para a análise desses vídeos o método arqueológico de leitura, praticado por Foucault em suas obras.

O objetivo é mostrar, segundo que regras, determinadas práticas discursivas, centradas na leitura, organizam conjuntos de enunciações e de conceitos sobre leitura. O foco estará no eixo prática discursiva–saber–ciência (FOUCAULT, 2004, p.205).

Iniciando o procedimento arqueológico, busquei nas redes sociais da internet textos que acusassem concepções de leitura. Digitei ‘o que é leitura’ e consegui exemplares desse modo de definir leitura. Na tira a seguir, é reafirmada a importância da leitura: “Claro que ler é muito importante. Ler é fundamental”.

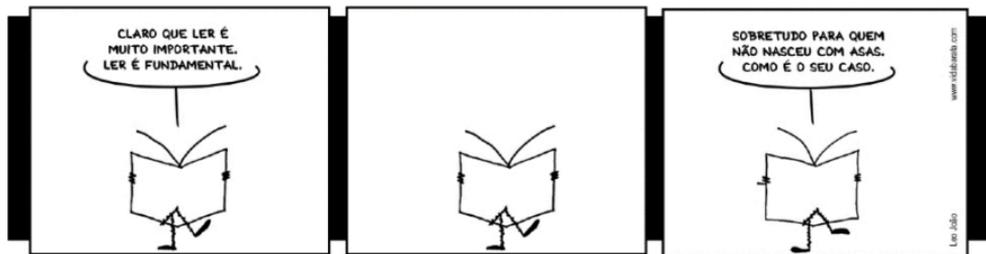


Figura 1: Tirinha publicada no blog oficial da Bienal do Livro 2010. Disponível em <https://leojoao.wordpress.com/2010/08/28/preparar-para-decolar/>

Na sequência, um quadro no qual aparece apenas o personagem que sempre está por trás de um livro, quase que se confunde seu corpo com o livro, que parece ter um tamanho numa proporção maior do que o regular. No terceiro quadro, a continuidade do pensamento inicial: “Sobretudo para quem não nasceu com asas, como é o meu caso”.

Destaco ‘quem não nasceu com asas’, pois é o momento que reafirma a leitura como aquilo que se assemelha e tem a mesma função das asas: permite voar. Outra cena encontrada, que também resalta essa concepção de leitura como imaginação, transcendência. É importante perguntar: quem lê, para onde olha? O que a leitura permite viver? Que deslocamentos o sujeito pode fazer?

A garota, deitada com um livro em suas mãos, não olha para o livro, mas para o alto, para longe do livro, e talvez de si mesma.



Figura 2: Disponível em <http://clickemleituraeescrita.blogspot.com.br/>

A seguir uma figura intitulada ‘anatomia de um leitor, a partir da qual se pode ter uma ideia de como o leitor é concebido em suas atitudes, além de se ter configurada a estreita relação entre corpo e leitura. A sensação é a de que quando se lê todo o corpo está envolvido, imerso nessa prática que mobiliza sentidos, não somente exigindo habilidades cognitivas.



Figura 4: Disponível em <http://comoeuaprendo.com/2013/10/23/saber-ler-e-saber-interpretar/>

A descrição do coração, em especial, parece ser responsável pela ideia de leitura como distanciamento de si e do mundo real: “Coração, para se unir às histórias”. Em nossa cultura ocidental, o coração é o centro das emoções e é um órgão responsável pelo fun-

cionamento de nosso corpo, no que diz respeito ao que impulsiona o homem a sentir e a mobilizar outros movimentos.

Outras cenas foram selecionadas, mas agora de sala de aula. A ideia é observar também qual a configuração de leitura que permeia o espaço escolar e ganha força nas representações de leitura. Na cena a seguir, também em circulação na internet, é de uma professora, diante de seus alunos, em realização de um projeto intitulado “Casinha de Leitura”. Interessante observar que há um cenário como uma casinha de portas abertas, com livros, em frente um tapete no qual as crianças se encontram sentadas em círculo.



Figura 5: Disponível em <https://casinhadeleitura.wordpress.com/2010/03/12/oludico-na-sala-de-aula/>

Mais uma vez realidade e ficção se encontram, ainda que a figura do professor esteja ocupando um lugar à frente como guia desse momento de leitura. Há certa magia nesse momento em que se passa a ‘viver’ numa casinha de leitura. No espaço escolar, magia e descentramento de um lado, compromisso e atenção de outro. Modos de saber que se alternam, mas que se sobrepõem muitas vezes.

Na outra cena de leitura escolar, mais uma vez observamos a proximidade dos leitores com a leitura, o movimento do corpo, debruçado sobre o jornal, os dois colegas muito próximos, com olhar para o material de leitura. Que saberes se constituem? Que aproximações são feitas com relação ao cotidiano vivido? Que olhares são permitidos?



Figura 6: Leitura compartilhada. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/136/aimportancia-da-leitura-em-sala-de-aula-para-a-fluencia-leitora>

A seguir, mais uma cena que se constitui de trocas, mas também de disciplina: há uma ordem estabelecida pela leitura, há um lugar de leitura, posições são ocupadas de modos distintos e numa hierarquia bem marcada. Na escola, para onde a leitura permite olhar? Quem é o leitor? Como se lê?



Figura 7: <http://www.escoladavila.com.br/blog/?p=8908>

É muito comum e de um valor enorme a realização das rodas de leitura, pois incentivam o gosto pela leitura, colaboram para a integração dos estudantes e do professor, entre outros pontos positivos possíveis. No entanto, a roda direciona o olhar para uma pessoa à frente da leitura, assim como para uma determinada leitura, escolhida a partir de determinados critérios e feita com uma entonação específica. Sendo assim, alguns saberes são possíveis, outros ficam interditados. A partir do modo como Michel Foucault lê, será possível esboçar uma concepção de leitura que ajudará na compreensão do que ocorre no espaço escolar e em outros espaços possíveis de leitura.

1. Leitura na perspectiva do Michel Foucault leitor

Inicialmente, é necessário compreender o que Foucault entende por saber: “conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar *saber* (FOUCAULT, 2004, p. 204). É importante destacar a palavra “regular” que delimita o modo como o saber acontece. Regularidade nas práticas gera o saber. Talvez isso explique as práticas escolares com leitura, sempre constantes, regulares. E o que importa é o modo como isso é feito, como a regularidade e as descontinuidades vão sendo apresentadas. Foucault faz uma leitura da sociedade, que mostra o que está por trás das dispersões:

Por trás da história desordenada dos governos, das guerras, e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar – histórias com um suave declive: história dos caminhos marítimos, história do trigo ou das minas de ouro, história da seca e da irrigação, história da rotação das culturas, história do equilíbrio obtido pela espécie humana entre a fome e a proliferação (FOUCAULT, 2004, p.3).

Foucault tem sua atenção nas rupturas, nas descontinuidades que estão latentes no jogo de correlações e de dominâncias, em temporalidades diferentes, em diversas permanências. Na passagem destacada, Foucault faz a leitura arqueológica, apresentando elementos dispersos de uma história apresentada como estável, linear. Ele identifica os sítios arqueológicos, escavando as histórias mais opacas, ou talvez, dadas como muito translúcidas. Não tão assim como Foucault,

procurei observar o modo como ele faz a leitura, para onde Foucault tem sua atenção, como escava, que sítios arqueológicos.

Fiquei atenta ao modo como ele responde sobre seu fazer, ao modo como ele analisa uma pintura. Na sequência do diálogo transcrito a seguir, fica evidente o lugar oblíquo de onde se observa e lê o outro:

- Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que em você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo (FOUCAULT, 2004, p. 19).

O que é lido por Foucault? Quem está sob sua mira arqueológica? Ele mesmo? Eu, leitora que me achei esperta por estar lendo o Foucault leitor? Ele mesmo, distraído com o sábio Foucault escritor? Tudo isso colabora para compreender uma dimensão complexa de leitura, como uma grande rede, de palavras e nós. Vejamos:

- Como?! Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não preparasse – com as mãos um pouco febris – o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abri-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem

sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever (FOUCAULT, 2004, p.20)

A passagem anterior parece desenhar a cena do leitor-escritor Foucault nessa rede arqueológica, numa autoria imersa nos subterrâneos, ao tempo que escava a si mesma, seu eu também sendo lido, seu eu “com as mãos um pouco febris”, o que parece gerar essa escrita em ebulição constante, ciente de sua condição em busca de uma escrita que lhe nega uma identidade marcada, que se define num estado regido por certa “moral de estado civil”, ao tempo que proclama uma escritura em liberdade. Cada brecha que Foucault deixa em suas escrituras, eu procuro escavar para compreender uma possibilidade de leitura. A seguir, um momento muito precioso em que Foucault faz uma leitura minuciosa, rica em detalhes sobre uma cena, pintada por Veslaquez, no quadro *Las meninas*. Confesso que meu olhar está para o olhar de Foucault.

(...) olhamos um quadro de onde um pintor, por sua vez, nos contempla. (...) O pintor só dirige o olhar para nós na medida em que nos encontramos no lugar do seu motivo. (...) Nenhum olhar é estável, ou antes, no sulco neutro do olhar que traspassa a tela perpendicularmente, o sujeito e o objeto, o espectador e o modelo invertem seu papel ao infinito (FOUCAULT, 2016, p. 5). “Somos vistos ou vemos?” (FOUCAULT, 2016, p. 6).



Figura 8: Las meninas, Velázquez (FOUCAULT, 2016, p. 2)

Destaco o início que inaugura um modo inusitado de ler: do lugar de onde somos vistos. A ordem pré-estabelecida é a do leitor que interpreta, que decifra o código, mas aqui Foucault convoca outro lugar para o leitor, o de ser lido pelo código. Então, cabe perguntar quem é esse leitor que lê e é lido? Começo, portanto, pela pergunta feita por Foucault, perguntando: Somos lidos ou lemos? O trecho trazido é muito pequeno diante da leitura feita pelo autor da pintu-

ra. É apenas uma pequena demonstração de como se dá a condução da leitura foucaultiana, que nos impulsiona a pensar o que é leitura e qual seu lugar na sociedade, tendo por base a pergunta: o que é leitura hoje? Para fundamentar essa discussão, é preciso ter claro o papel dos códigos em nossa cultura:

Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar (FOUCAULT, 2016, p.XVI).

É por esse viés que tomo a leitura como código fundamental da cultura de uma sociedade, em específico, da escola, para pensar quais códigos de leitura regem a sala de aula e são constitutivos do leitor. Acredito que as práticas de leitura constituem-se sócio-historicamente a partir de uma ordem dada, de uma hierarquia estabelecida e seus valores.

2. Lendo as modalidades de saber em vídeo-aulas de leitura

Baseado, então, na noção de leitura na perspectiva foucaultiana, é preciso estar atento às modalidades do saber, entre as quais a leitura se coloca no espaço escolar, em especial:

- Quais discursividades/positividades se instauram a partir dos modos como o saber se apresenta em práticas sociais de leitura?
- Como ler pelo viés arqueológico: ler (n)as descontinuidades.

Os dados analisados, ainda de forma incipiente, nesse trabalho, compõem-se de vídeo-aulas de leitura, disponíveis no Youtube, a partir dos quais volto a perguntar se somos lidos ou lemos. Procuo caracterizar o espaço leitor, na (des)continuidade do cotidiano nas aulas de leitura. Procuo observar a leitura em trânsito, as posições dos leitores, que palavras são postas e em que ordem, que outras palavras atravessam esse cotidiano e produzem outra ordem social. No caso da vídeo-aula a seguir, que se constitui de uma roda de leitura, com troca de experiências sobre livros lidos, a garota conta sua experiência com *O Pequeno Príncipe*.

Na ordem escolar dada, o estudante leitor está numa posição que o autoriza a falar de leitura, a olhar para o objeto de leitura. O que essa posição diz sobre o ser leitor e sobre as modalidades de leitura que são realizadas no espaço escolar? O dar a ler, a troca do lugar de leitura e de interpretação dos saberes permitem reconfigurar o



Figura 9: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJt3MIxQICg>

papel do professor como apenas aquele que ensina a ler, mas aquele que mobiliza leituras. De certa forma, instaura-se uma descontinuidade: na cadeia discursiva, as posições se alternam, deslocam-se.

A seguir, a imagem de início de um vídeo apresentando o Sarau de uma escola em 2012, com Oficina de Leitura, no qual o modo de ler remete a uma discursividade já dada, da leitura como viagem, descentramento, transcendência do corpo, da mente.



Figura 10: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RkJKemXuhRo>

Observe-se a imagem dos alunos tendo ao fundo um plano imagético, da natureza, espaço de silêncio, tranquilidade, propício à imaginação, que bem está representada pelo voo de pássaros ao redor, acima dos estudantes na roda de leitura. Há duas imagens fundidas: a do espaço fixo de leitura, leitores e livros apoiados no chão; e a do espaço transcendente, com um cenário que favorece o descentramento dos leitores. Leitura, então, no espaço escolar,

mantém uma ordem discursiva, que tem um leitor professor numa posição de controle da leitora do outro-aluno, ainda que em algum momento haja a mobilidades de posições em momentos específicos. O sujeito-leitor-escolar encontra-se em condições sócio-históricas que colaboram para sua constituição.

Considerações

Acerca de uma dada ordem do discurso, Foucault (2014, p. 8) declara:

(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Considerando a ordem de leitura dada, posso destacar que há uma posição do espaço leitor que é legitimada, aquela ocupada pelo professor na escola: aquela que diz o que pode e o que não pode ser lido, quem pode e quem não pode ler. As leituras são selecionadas, controladas, organizadas, seguem uma ordem nas salas de aula. Outras palavras, outra ordem: o leitor escolar como corpo que, ao mesmo tempo, se fixa e se move num espaço leitura, sob a ilusão ou transgressão possibilitada pela leitura.

É aí que uma cultura, afastando-se insensivelmente das ordens empíricas que lhe são prescritas por seus códigos primários, instaurando uma primeira distância em relação a elas, fá-las perder sua transparência inicial, cessa de se

deixar passivamente atravessar por elas, desprende-se de seus poderes imediatos e invisíveis, libera-se o bastante para constatar que essas ordens não são talvez as únicas possíveis nem as melhores (...) (FOUCAULT, 2016 XVI).

Nas práticas de leitura analisadas, houve um momento de nó na rede discursiva, quando houve a troca de posições de leitura, possibilitando que outros saberes e valores pudessem ser produzidos a partir do lugar de leitura dos alunos, a exemplo da leitura de *O Pequeno Príncipe* por uma garota que iniciou seu depoimento sobre a leitura declarando: “(...) Esse livro se identificou muito comigo por causa da imaginação do menino”. O comum é que os sujeitos leitores contemplem e se identifiquem ou não com as leituras feitas, mas nesse caso é a leitura que se identifica, que contempla o leitor, acusando uma ordem diferente.

Parafraseando Foucault, em sua análise da tela de Velazquez: *olhamos um livro de onde um personagem, por sua vez, nos contempla*.

Referências

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 10^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, 24^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

Discursividades

Normas de publicação

Discursividades é uma revista eletrônica semestral do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba. O periódico dedica-se à publicação de textos, artigos ou resenhas, cuja ênfase recaia sobre as questões do discurso, em diálogo com os estudos da Linguagem. A partir desse escopo, o periódico busca contemplar uma abordagem temática ampla, incluindo Literatura e ensino de línguas.

Os artigos publicados em *Discursividades* são de responsabilidade dos respectivos autores.

Aceita-se textos inéditos em revistas ou livros, podendo ter sido apresentados em eventos da área. Os textos podem ser de graduados e pós-graduados, bem como de mestrands, doutorandos e graduandos, neste caso acompanhados de professor orientador. Todos os textos serão submetidos ao Conselho Editorial, que tem autonomia para aprová-los ou recusá-los de acordo com os objetivos da revista. Na hipótese de coautoria, um dos coautores deverá ter o título de doutor, o qual figurará em primeiro lugar no texto e no sumário. Excepcionalmente, sob autorização do Conselho Editorial, aceita-se contribuição de autor sem a titulação exigida.

Os textos devem ter a seguinte formatação:

- a) Entre 10 e 13 páginas incluindo as referências, ilustrações, quadros, tabelas e gráficos, digitados no formato A4 em arquivo Word, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento 1.5.
- b) Incluir título, resumo (máximo de oito linhas, com tema, objetivo, método e conclusão) e palavras-chave, com tradução para o espanhol ou inglês, inclusive do título. No final do trabalho, adicionar endereço completo, titulação, vínculo acadêmico, telefone e email.

- c) Resenhas com no máximo cinco páginas, incluindo a capa da publicação resenhada.
- d) As ilustrações devem vir dentro do arquivo de texto e em arquivos separados.
- e) Entram nas Referências apenas os autores e obras citados no texto, conforme as normas atualizadas da ABNT.
- f) Citações curtas (até três linhas) são incorporadas ao texto, transcritas entre aspas, com indicações das fontes de onde foram retiradas.
- g) Citações longas são transcritas em bloco com entrelinhas simples e recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto (corpo 11), e sem aspas, com indicação das fontes de onde foram retiradas. Exemplo: (PRADO, 2007, p. 23).
- h) Anexos e ou apêndices serão incluídos somente quando imprescindíveis à compreensão do texto.

Mais sobre Análise do Discurso

